

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Bacharelado em Ciências Sociais

Larissa Marques Moreira

O lugar do cuidado na pandemia da COVID-19:
uma análise das reflexões de estudantes da UFRGS

Porto Alegre

2023

Larissa Marques Moreira

O lugar do cuidado na pandemia da COVID-19:
uma análise das reflexões de estudantes da UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em Ciências
Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Penna de
Castro

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Moreira, Larissa

O lugar do cuidado na pandemia da COVID-19: uma análise das reflexões de estudantes da UFRGS / Larissa Moreira. -- 2023.

62 f.

Orientadora: Camila Penna.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. cuidado. 2. trabalho doméstico. 3. pandemia COVID-19. 4. estudantes. I. Penna, Camila, orient.
II. Título.

Larissa Marques Moreira

A pandemia da COVID-19 e as percepções sobre o cuidado:
uma análise das reflexões de estudantes da UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em Ciências
Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Penna de
Castro

Aprovada em: Porto Alegre, 15 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Camila Penna de Castro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Raquel Weiss
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Ma. Amanda Kovalczuk
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

À minha mãe Josiani, à minha irmã Louise e
a todas as pessoas que cuidam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres da minha família que me inspiraram a lutar e a problematizar os papéis sociais impostos a nós.

Agradeço ao meu grande amor, Joaquín, pelo apoio, pelo amor e por acreditar em mim.

Agradeço às minhas colegas e colegas pelas entrevistas e conhecimento compartilhado durante esse trabalho e toda a graduação.

E às minhas professoras e professores que durante todos os anos da minha formação educacional transmitiram os seus conhecimentos e se dedicaram a ensinar, assim como acreditaram em mim e nas minhas ideias. Em especial à minha orientadora Profa. Camila, que acreditou no meu projeto e trabalha por uma educação descolonial.

“A tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la.”

(María Lugones)

RESUMO

Este trabalho se trata da análise das reflexões de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o cuidado durante o período da pandemia da COVID-19. O objetivo geral é compreender como os estudantes da UFRGS refletem sobre os efeitos do cuidado em sua vida durante a pandemia. Os objetivos específicos foram: compreender as transformações pelas quais essas/es estudantes passaram durante e depois da pandemia; analisar as percepções delas sobre como foi a divisão do trabalho nas suas casas; e investigar como o trabalho doméstico e o cuidado afetaram os estudos e o trabalho dessas estudantes. Por meio de uma análise qualitativa aprofundada do que ocorre, a partir dessa problemática, com as mulheres cis, pessoas não-binárias e homens cis, negras e brancas no campo acadêmico das Ciências Sociais na UFRGS, o trabalho busca contribuir empírica e teoricamente para o campo de estudos sobre cuidado, em especial partindo de uma perspectiva descolonial e interseccional para analisar a problemática do cuidado.

Palavras-chave: Cuidado; Trabalho doméstico; Estudantes; Pandemia.

RESUMEN

Este trabajo se trata de un análisis acerca de las reflexiones de estudiantes de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre el cuidado durante el período pandémico del COVID-19. El objetivo general es comprender como los estudiantes de la UFRGS reflexionan sobre los efectos del cuidado en sus vidas en el periodo de la pandemia. Los objetivos específicos fueron: comprender las transformaciones por las cuales esas y esos estudiantes pasaron durante y después de la pandemia; analizar las percepciones de ellos sobre cómo fue la división del trabajo doméstico en sus hogares; e investigar como el cuidado y el trabajo doméstico afectaron los estudios y el trabajo de esos estudiantes. Mediante el análisis cualitativo profundo de lo que ocurre con las mujeres cis, personas no-binarias y hombres cis, negras y blancas, dentro del campo académico de la carrera de Ciencias Sociales de la UFRGS, el trabajo busca contribuir empírica y teóricamente al campo de los estudios sobre el cuidado, partiendo especialmente de una mirada descolonial e interseccional.

Palabras-clave: Cuidado; Trabajo doméstico; Estudiantes; Pandemia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Pandemia covid-19 e seus efeitos	10
1.2 Estado da arte	12
2 METODOLOGIA DA PESQUISA NO CONTEXTO DA PANDEMIA	19
2.1 Das entrevistas com estudantes de ciências sociais	21
3 O AUTOCUIDADO, O DESCUIDAR DE SI E O CUIDAR DURANTE A PANDEMIA 24	
3.1 O cuidado como afeto	36
3.2 O cuidado, os estudos e o trabalho remunerado	41
3.3 O poder de escolha	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO	60

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se trata da análise das reflexões de estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o cuidado durante o período da pandemia da COVID-19. O objetivo geral é compreender como os estudantes da UFRGS refletem sobre os efeitos do cuidado em sua vida durante a pandemia. Os objetivos específicos foram: compreender as transformações pelas quais essas/es estudantes passaram durante e depois da pandemia; analisar as percepções delas sobre como foi a divisão do trabalho doméstico e cuidado nas suas casas; e investigar como o trabalho doméstico e o cuidado afetaram os estudos e o trabalho dessas estudantes.

Pretendo contribuir para o entendimento sobre as transformações no trabalho doméstico e de cuidado ao longo da pandemia, através das entrevistas com estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais da UFRGS. Também pretendo contribuir para a construção de uma Sociologia do Cuidado e para um maior entendimento das consequências da pandemia de uma forma mais abrangente dentre estudantes do curso de Ciências Sociais, levando-se em consideração o recorte de gênero e de raça, a partir da experiência das pessoas que foram entrevistadas: estudantes brancos e negros que se identificam como não-binários, mulheres cis e homens cis.

Assim, a lacuna a ser preenchida no campo empírico, por meio de uma análise qualitativa aprofundada do que ocorre com as mulheres cis, pessoas não-binárias e homens cis, negras e brancas no campo acadêmico das Ciências Sociais na UFRGS, contribuiria para ir além do perfil das mulheres brancas de classe média, que constituem o campo empírico das outras pesquisas já feitas sobre o mesmo tema, as quais serão apresentadas na seção estado da arte. No caso desta pesquisa, a escolha das pessoas entrevistadas buscou atender a um critério de diversidade dentre as/os estudantes do curso. A pesquisa não é uma amostragem representativa dos alunos, mas sim uma pesquisa qualitativa aprofundada com o propósito de estudar as percepções e significados do cuidado dentre as/os estudantes de diferentes gêneros e raças, a partir da perspectiva descolonial e interseccional. A importância de trazer a perspectiva de pessoas não-binárias se dá pela pouca de pesquisa no âmbito acadêmico acerca de pessoas não-binárias, cuidado e trabalho doméstico e para entender como isso afeta as suas vidas, como são distribuídas as atividades de cuidado dentro do seu círculo social e de como pessoas de gêneros marginalizados e

oprimidos pelo patriarcado e pela colonialidade ocupam os espaços de cuidar e ser cuidado. A escolha de estudantes do curso de Ciências Sociais se dá pelo tema estar inserido dentro dos estudos do curso, mesmo que de maneira pouco aprofundada e desenvolvida, ou inexistente, portanto, a perspectiva dessas e desses alunos busca entender as reflexões dessas pessoas a partir de um lugar de contato com o tema do cuidado e do trabalho doméstico.

O recorte temporal explora o período pandêmico do Coronavírus, momento histórico em que as relações sociais tiveram mudanças profundas que exaltaram, ampliaram opressões e marcaram um momento único de mudança e de sobrecarga no campo do trabalho e do cuidado.

O trabalho busca também documentar como as pessoas perceberam a divisão do trabalho doméstico durante a pandemia e em um momento em que as pautas do feminismo se tornam mais presentes, tais como as reivindicações por uma divisão mais igualitária das tarefas. Um dos objetivos é investigar, a partir de uma análise da percepção das pessoas entrevistadas, se realmente houve uma divisão mais igualitária nas tarefas domésticas, quais avanços são esses e para quais pessoas.

O trabalho foi construído a partir da promoção de um diálogo crítico entre as análises dos estudantes sobre o que é cuidado, e parte da bibliografia sobre o tema. Esse diálogo sobre o que é o cuidado será apresentado nesse trabalho de conclusão de curso a partir da seguinte divisão. Um primeiro capítulo com a introdução que contextualiza a pesquisa, o momento histórico da pandemia de Coronavírus, situa a UFRGS em tempo e espaço e a apresenta o estado da arte em que se insere este trabalho. Um segundo capítulo que expõe a metodologia da pesquisa e a apresentação das pessoas entrevistadas. Um terceiro capítulo que trata da relação entre o autocuidado, o descuidar de si e o cuidar durante a pandemia. Nele serão desenvolvidos os diálogos entre a parte empírica e teórica sobre esses temas. Subdividido em seções, esse capítulo também desenvolverá os temas do cuidado como afeto; o cuidado, os estudos e o trabalho remunerado e, por último, o poder de escolha. E, por fim, as considerações finais.

1.1 PANDEMIA COVID-19 E SEUS EFEITOS

A pandemia da COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 é uma infecção respiratória aguda que teve os primeiros casos detectados em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, sendo anunciado pela OMS como pandemia em 11 de

março de 2020. No Brasil, o primeiro caso confirmado do novo coronavírus foi de um homem de 61 anos vindo da Itália, no dia 26 de fevereiro de 2020 em São Paulo. A partir do primeiro caso, os números de pessoas com suspeita ou infectados com o coronavírus começam a crescer. A primeira morte confirmada ocorreu no dia 17 de março de 2020. No dia 20 de março, o Ministério da Saúde declara a transmissão comunitária do novo coronavírus em todo o território nacional, com 11 mortes e 904 casos confirmados da doença, até então. A declaração dá ao Ministério da Saúde autoridade diante de todos os gestores nacionais, que devem adotar medidas que promovam distanciamento social e evitem aglomerações.

No dia 21 de março, o presidente da República, Jair Bolsonaro, determina quais serviços são essenciais para o funcionamento do país e não podem parar em meio à pandemia. Entre elas, estão: assistência à saúde, segurança pública, defesa nacional, transporte, telecomunicações e internet etc.

Esta pesquisa se foca no contexto da UFRGS, universidade localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para situar o contexto da pandemia. A UFRGS começa sua fundação juntamente iniciando a educação superior em Porto Alegre. Em 1895 com a Escola de Farmácia e Química e em seguida, da Escola de Engenharia. Em 1934 foi criada a Universidade de Porto Alegre, integrando inicialmente as Escolas de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes. A partir de 1950 a Universidade se tornou federal, passando para a administração da União. Desde então, a UFRGS ocupa uma posição importante no cenário acadêmico nacional e internacional, pela sua produção científica, sendo considerada a 8ª melhor universidade federal do país¹.

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) tem essa denominação a partir de 1970, quando durante a ditadura civil-militar a universidade foi fragmentada em diversas unidades e campus, o que antes o instituto fazia parte da Faculdade de Filosofia da UFRGS, fundada em 1942-43. O IFCH possui quatro cursos de graduação: História (1943), Filosofia (1943), Ciências Sociais (1959) e o Bacharelado em Políticas Públicas (2010). E possui seis programas de pós-graduação:

¹ Histórico obtido no site institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico> Acesso em: 11 jun. 2023.

Antropologia, Sociologia, Filosofia, Ciência Política, História e Políticas Públicas. O curso de graduação em Ciências Sociais possui as habilitações em licenciatura e bacharelado, a licenciatura com foco na Sociologia para ensino médio e o bacharelado a escolha da formação em Antropologia, Sociologia ou Ciência Política. Segundo a UFRGS, o IFCH possui 118 professores permanentes e 14 convidados e colaboradores, majoritariamente doutores, 46 técnico-administrativos e cerca de 2.223 alunos de graduação e 600 de pós-graduação².

Antes das medidas do governo, a Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul já comunicava que, diante do cenário de transmissão do novo coronavírus (Covid-19), as aulas presenciais da graduação, da pós-graduação e do Colégio de Aplicação da UFRGS, seriam suspensas entre os dias 16 de março e 5 de abril de 2020. O que foi uma medida de emergência perdurou até a volta das atividades presenciais na universidade, no dia 13 de junho de 2022. Se busca entender como essa suspensão de atividades presenciais na universidade e a implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) afetou a vida das alunas e alunos, olhando desde o prisma das relações de cuidado e de trabalho doméstico durante o período da pandemia, pois foi uma das principais crises de saúde global da ‘contemporaneidade’, que também levou a uma crise socioeconômica sem precedentes, com efeitos sociais, políticos e econômicos.

1.2 ESTADO DA ARTE

A questão do trabalho doméstico e do cuidado são termos que, nas últimas décadas, vieram à tona e emergiram nas ciências sociais e humanas, em diversos estudos feministas, como os das brasileiras Sorj, Biroli, Hirata, Nadya Guimarães, e de Cusicanqui, Lugones e Collins, entre outras, analisando a questão do trabalho doméstico e do cuidado. Durante a pandemia da COVID-19 houve muita problematização e reflexão acerca do tema, o que é exposto a seguir, destacando-se Monticelli (2021) e Castro, Roncato e Hirata (2016), Fiorese (2021), Meirelles e Vidigal (2021), Figueiredo (2021) e Coutinho, Tenca e Mombelli (2021).

As interpretações de Castro, Roncato e Hirata (2016) são interessantes para analisar o estado da arte da produção acadêmica sobre a divisão sexual do trabalho no Brasil e em outras partes do mundo. Hirata nos diz que “se você está presente e

² Histórico do IFCH obtido no site institucional da UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/historico> Acesso em: 20 ago. 2023.

você insiste na questão do gênero, ela aparece. Mas se as pessoas que estão preocupadas com a questão do trabalho e gênero não estão presentes, [...] volta de novo à sociologia do trabalho cega à questão do gênero”. Outra questão presente é a de que a pesquisa sobre gênero está, atualmente, mais separada da questão do trabalho. Hoje em dia se nota uma pesquisa mais sobre gênero e sexualidade, gênero e arte, entre outras, e não como nos anos 1970, 80 e 90 em que a questão gênero aparecia junto com a do trabalho.

Ao analisar a questão de como a mulher consegue manter-se no mercado de trabalho em diversos países, podemos mencionar a pesquisa de Monticelli (2021) que aponta que as mulheres brancas de classe média, antes da pandemia, podiam delegar as tarefas reprodutivas às mulheres de classe baixa e não-brancas. Falando especificamente do Brasil, Estados Unidos e França, Hirata (2007) aponta que as mulheres não deixam de trabalhar porque têm filhos, elas delegam esse trabalho a outras, já no Japão há uma norma social em que as mulheres deixam seus postos de trabalho quando tem filhos pequenos, assim, não há delegação de tarefas. Sorj (2013) analisa essa questão a partir da noção de desfamiliarização/externalização do cuidado para a esfera pública, e que esse processo vem ocorrendo no ocidente com um enfraquecimento da visão do cuidado como sendo apenas da esfera doméstica. Pela atuação do movimento de mulheres e pelas lutas feministas, no Brasil, a desfamiliarização do cuidado foi-se acentuando ao longo dos anos 70 até o momento, porém, durante a pandemia, as mulheres perderam essas redes de apoio públicas e tiveram que voltar à esfera do cuidado doméstico, os quais delegavam antes da pandemia (Monticelli, 2021).

Vale destacar que essa desfamiliarização do cuidado ocorre muito relacionado ao nível econômico das famílias e que se mantém, todavia, em grande medida, na esfera privada (Sorj, 2013).

O trabalho de Monticelli (2021) analisa como as mulheres brancas de classe média, no período da pandemia, fizeram para conciliar trabalho remunerado e o trabalho reprodutivo sem as redes de apoio tradicionais pré-pandemia. Tem um foco muito mais no “reencontro” dessas mulheres com o trabalho doméstico, que antes da pandemia era um trabalho feito por outras mulheres, remuneradamente; e de como essas mulheres de classe média se apoiam e valorizam muito mais as instituições educacionais (colégio e creche das/dos filhas/filhos) e nas redes de apoio.

A amostra contou com 12 mulheres brancas de classe média do eixo Rio-São Paulo, todas tinham níveis educacionais elevados e a maioria possuía filhas e filhos pequenos. O artigo foi feito utilizando entrevistas semiestruturadas por videochamadas, entre os meses de setembro e outubro de 2020.

Enfim, o artigo tem partes de diálogo entre as entrevistadas e a pesquisadora, que na maior parte delas, relata a dificuldade dessas mulheres em conciliar todos os trabalhos reprodutivos e produtivos e, nesse período, foi muito difícil todo o processo. Algumas não recebiam ajuda dos companheiros e, se recebiam, sentiam que tinham mais responsabilidades ou tinham que lidar com queixas e brigas dos maridos sobre as tarefas.

O trabalho reprodutivo, segundo Frederici (2013), é todo aquele que mantém a vida e sua manutenção e que não é visto como mercantilizado, por ser um trabalho feito pelas mulheres em um sistema patriarcal. Já o trabalho produtivo está reservado aos homens, pois possui um valor mercantil e que serve ao capital como valor de troca e que só é possível pela divisão sexual do trabalho em que mulheres são obrigadas a fazerem o trabalho reprodutivo sem remuneração.

O artigo de Figueiredo (2021) buscou retratar as experiências dos trabalhadores de modo geral e apresentar as percepções de profissionais homens e mulheres separadamente, o que permitiu uma análise de seus discursos sob a ótica de gênero e uma posterior comparação de suas vivências. A metodologia utilizada foi o estudo de campo, onde foram entrevistados 11 trabalhadores homens e mulheres, através da história oral temática. Os resultados indicam que a pandemia causou diversas complicações para a rotina de trabalho dos profissionais. No entanto, os impactos foram piores entre as mulheres pela necessidade de conciliação da vida profissional com a doméstica. Também foi apontado que este cenário de pandemia colabora para a ampliação de desigualdades de gênero já existentes.

Nas histórias dos participantes do gênero masculino, percebe-se uma relação entre o sentimento de sobrecarga pelo acréscimo de atividades profissionais remuneradas em *home office*, ou a necessidade de complementar a renda na pandemia. Ademais, os depoimentos dos homens remontam a um benefício advindo do trabalho reprodutivo das mulheres durante o isolamento social, porque elas ficaram com toda a carga do trabalho reprodutivo e doméstico, de cuidado dos filhos e da casa, isso permitiu aos homens priorizarem o campo profissional, atendendo às demandas adicionais do *home office*.

Já no resultado das entrevistas com as mulheres, os relatos demonstram que houve uma responsabilização maior durante a pandemia sem o apoio das escolas ou creches, todas as entrevistadas tiveram que, em algum momento, conciliar as atividades profissionais e de cuidado. O que coincide com a pesquisa de Monticelli (2021), em que as mulheres delegavam essas funções reprodutivas, e com a pandemia elas tiveram que voltar a responsabilizar-se novamente por essas funções. O que afetou, em grande parte, o tempo dedicado ao trabalho remunerado e profissional dessas mulheres.

A conclusão desse trabalho indica as distinções entre os espaços de ocupação masculinos e femininos, deslocando a mulher ao espaço privado enquanto mantém o homem no espaço público. Porém, como a autora marca: “os trabalhadores entrevistados representam uma massa escolarizada, qualificada e, portanto, privilegiada da população, onde o *home office* figurou como uma possibilidade (Bridi, 2020). A partir disso, pontua-se também que mulheres em situação de maior vulnerabilidade social apresentam outras vivências frente à pandemia (Borges, 2020).” Ou seja, mais uma vez encontra-se uma lacuna de quais mulheres estamos falando, de quais mulheres são ouvidas e pesquisadas.

Já o trabalho de Fiorese (2021), estudante da UFRGS, aborda na sua tese que houve um impacto negativo na carreira das mulheres em cargos de gerência, durante o período da pandemia de COVID-19 pelo excesso de trabalho reprodutivo. O número de horas que essas mulheres gerentes dedicaram ao trabalho reprodutivo se manteve o mesmo ou aumentou em relação ao período anterior à pandemia. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo, onde foram realizadas entrevistas com dez mulheres gerentes, com o apoio de um roteiro semiestruturado que abordou pontos como: horas diárias despendidas no trabalho produtivo e reprodutivo, dinâmica diária em suas residências e os impactos observados na carreira. A pesquisa teve como objetivo geral identificar os impactos do trabalho doméstico não remunerado na carreira de mulheres de 25 a 59 anos de idade, atuantes em cargos de gerência intermediária de empresas privadas de Porto Alegre, durante a pandemia de COVID-19.

Fiorese (2021) analisou os resultados relacionados à fala e às experiências relatadas pelas entrevistadas ao referencial teórico pela leitura de Judith Butler, como a questão do gênero e sexo e a dupla jornada da mulher. Contudo, não foi considerado pelas entrevistadas, o que em suas falas acabou sendo exposto: a constante

impressão da necessidade de compensação do trabalho produtivo, por conta do aumento diário de horas despendidas para o trabalho reprodutivo, o que gerou o maior impacto da pesquisa: a sobrecarga dos dois, dos trabalhos reprodutivos e produtivos.

Esses dados coincidem também com o artigo de Lorena Meirelles e Lia Vidigal (2021), em que as autoras têm o objetivo geral de analisar a subalternização, exploração e sobrecarga física e mental das mulheres, em razão do gênero, e de entender como essa construção contribuiu diretamente ao cenário atual de exploração da força de trabalho, especialmente após a pandemia da COVID-19. Utilizam a fundamentação teórica crítica e feminista de autoras como Hannah Arendt, Silvia Federici, Flavia Biroli, Marcia Tiburi e Angela Davis, bem como, de Cinzia Arruza, Pierre Bourdieu e outros autores. A base de dados utilizada foi: a pesquisa da Organização Feminista Sempre Viva, em conjunto com a Gênero e Número, a respeito do cenário doméstico na pandemia, bem como, o relatório apresentado no Índice Global de Diferenças de Gênero durante a pandemia de COVID-19, realizado pelo Fórum Mundial de Economia. As autoras não especificam a metodologia utilizada.

No que se trata do conteúdo em si, as autoras discutem a construção dos espaços público e privado, em que as mulheres foram excluídas da participação e agenciamento do público, e a divisão sexual do trabalho em reprodutivo e produtivo através do gênero. Indo à parte que mais interessa desse artigo, ao das consequências da pandemia no trabalho doméstico e do cuidado, “ao longo do ano de 2020, o surgimento da pandemia da COVID-19 alargou, em muito, o abismo historicamente existente entre homens e mulheres, especialmente, no que diz respeito ao trabalho doméstico” (Meirelles; Vidigal, 2021).

Portanto, segundo as autoras, a pandemia da COVID-19 intensificou os fatores de desigualdades relacionadas ao gênero e impactam, diretamente, no dia a dia das mulheres. Porém, a pesquisa não desenvolve muito os efeitos no trabalho remunerado fora de casa ou no âmbito da educação acadêmica ou escolar de meninas e mulheres. Aponta para uma sobrecarga das jornadas de trabalho remunerado, mas não entra muito na questão de como afetou diretamente nos seus trabalhos remunerados, se, por exemplo, foram demitidas pela grande carga do trabalho reprodutivo, ou se tiveram que abandonar a carreira universitária ou a escola para cuidar de alguém durante a pandemia. Assim, as entrevistas feitas neste trabalho, com perguntas e diálogos mais aprofundados, podem ajudar a elucidar, nos capítulos seguintes, algumas dessas questões deixadas em aberto por outras pesquisas quantitativas.

Já na tese de Martins (2021), há um enfoque na legislação trabalhista e do direito do trabalho feminino no Brasil, fazendo, ao final da tese, uma análise superficial de como foi o trabalho da mulher na pandemia da Covid-19. Ressalta que houve uma mudança no trabalho no Brasil, pelas medidas de distanciamento social, uma migração ao teletrabalho. Assim como os trabalhos anteriores, também marca que as condições de opressão, subalternização e exploração das mulheres numa divisão sexual do trabalho foram reforçadas pela pandemia da COVID-19. A pesquisa classifica-se como dedutiva, descritiva e bibliográfica.

No trabalho sobre os efeitos da COVID-19 no trabalho das professoras pesquisadoras de Relações Internacionais, (Coutinho; Tenca; Mombelli, 2021) demonstra-se que, no Brasil, a produção acadêmica e científica de mulheres pesquisadoras já é historicamente menor que a de pesquisadores homens (Mendes; Figueira, 2017), pela conciliação compulsória de jornadas duplas ou triplas que inviabilizam a dedicação à pesquisa. A hipótese apresentada neste artigo é que a pandemia de Covid-19 agravou a desigualdade de gênero, impactando negativamente nas pesquisadoras e professoras. A metodologia utilizada foi de um *survey* e pesquisa qualitativa, analisando os efeitos da pandemia nas docentes e pesquisadoras de programas de pós-graduação em Relações Internacionais no Brasil.

Sobre as discussões e resultados, há um percentual maior de mulheres brancas e das regiões do sudeste e sul. O que também ficou evidente foi a pré-seleção do corpo docente para a mapeamento dessas professoras, em que foram selecionadas professoras dos 17 PPGR, em que somente 35,43% eram mulheres. No que tange à posição dos cargos de docência dentro dos PPGR, que as posições mais altas, em sua maioria, são ocupadas por homens, como de coordenação.

A conclusão é que a falta de um ambiente de trabalho adequado, o trabalho doméstico, a maternidade, e o trabalho acadêmico, exigiram mais esforços para atender aos projetos propostos antes da pandemia. O estudo apontou que a maioria seguiu com as publicações, mas que isso exigiu um esforço exaustivo para a sua concretização. As disparidades de gênero na academia se agravaram na pandemia, e isso se refletiu nos dados observados da baixa na submissão de artigos acadêmicos publicados por mulheres em áreas de distintas. Portanto, a pandemia também afetou a produtividade acadêmica dessas pesquisadoras de RI.

Assim, partindo desse estado da arte, vamos desenvolver a pesquisa por um caráter qualitativo que auxilia na compreensão do que ocorreu na dinâmica do cuidado

através de um estudo com estudantes e levar em conta pessoas não-binárias e pessoas negras, saindo do eixo de mulheres cis brancas de classe média da maioria dos trabalhos apresentados nesta seção, e somando na questão empírica para uma construção da Sociologia do Cuidado.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Inicialmente, o desenho dessa pesquisa focava em como as condições do cuidado durante a pandemia afetaram o desempenho de estudantes em seu trabalho remunerado e educacional. No momento da revisão bibliográfica observou-se que não havia pesquisas que focavam especificamente no caso de como o cuidado e o trabalho doméstico durante a pandemia afetaram os estudos de mulheres. Outra ausência nas pesquisas era de que majoritariamente não eram representadas pessoas negras/pretas e pardas, o que se pretendia incluir. A maioria das pesquisas tinha como entrevistadas mulheres de classe média brancas³, as quais serão elencadas na seção seguinte. No entanto, previamente a iniciar com o trabalho empírico das entrevistas, e ao longo dele, também foi questionada a cisgeneridade e o foco nas relações heteronormativas, de igual forma não há muitos trabalhos sobre a temática do cuidado que incluam pessoas não-binárias e transgênero, e nas incluindo o período da pandemia não foram encontrados trabalhos empíricos sobre⁴. Nesse contexto, buscou-se incorporar pessoas negras e pessoas não cis, de gêneros marginalizados, dentre as entrevistadas.

Com o início das entrevistas, a problemática de como o cuidado e o trabalho doméstico afetaram os estudos durante a pandemia não parecia ganhar tanta relevância nas conversas, as pessoas apontavam outras problemáticas relacionadas ao tema dos estudos durante a pandemia. Sendo assim, mantendo-se o interesse na temática do cuidado no campo sociológico, deu-se uma guinada para o que aparecia de mais relevante nas entrevistas: as diferentes percepções e análises sobre o que é o cuidado para essas pessoas, de igual maneira não se excluiu como isso afetou na vida, nos estudos, no trabalho deles e delas, senão que se modificou a principal linha de análise dessa pesquisa. De uma preocupação inicial em ver como o cuidado e o trabalho doméstico durante a pandemia afetaram os estudos, foi-se a uma proposta de entender de forma mais indutiva o sentido que as pessoas dão para o cuidado, e como o relacionam com suas atividades de trabalho e de estudo durante a pandemia.

A partir disso, foram inseridas novas perguntas que provocassem uma reflexão sobre o que é o cuidado para essas pessoas, e que permitissem o diálogo sobre o

³ Busca feita em agosto de 2022 com os operadores booleanos: "divisão sexual do trabalho" AND (trabalho doméstico OR cuidado) AND pandemia COVID-19, na plataforma Sabi+ da UFRGS.

⁴ Busca feita em agosto de 2023 com os operadores booleanos: cuidado AND (não-binário OR trans) AND pandemia COVID-19, na plataforma Sabi+ da UFRGS.

porquê da responsabilidade do cuidado e do trabalho doméstico recaírem sobre quem recai. Isso se deu de forma natural? Alguém se sentou numa mesa e dividiu as tarefas domésticas de tal maneira? Por que a responsabilidade recai mais sobre algumas pessoas do que outras?

Dessa maneira, para executar esta pesquisa e alcançar o objetivo geral de analisar as percepções de estudantes do curso de Ciências Sociais da UFRGS sobre o que é o cuidado, foram elaborados dados primários a partir de 11 entrevistas semiestruturadas, com um miniquestionário de autopreenchimento pré-entrevista, com discentes da graduação durante o período de junho a julho de 2023. As 11 entrevistas foram feitas através da plataforma digital Teams, gravadas e transcritas para a posterior análise e interpretação. Sobre o perfil das pessoas entrevistadas, as idades transitam entre 21 e 31 anos. Na questão de gênero, 3 pessoas se auto identificaram como não-binárias, 7 como mulheres cis e 1 como homem cis. Em relação à raça, 5 se auto identificaram como negras/pretas, 1 como para parda e 5 como brancas. Em relação à moradia, 2 pessoas moram sozinhas, o restante mora com familiares, ou companheiros ou amigos.

Quadro 1 - Relação de entrevistados.

Entrevistades	Idade em anos	Autodeclaração em relação a raça	Autodeclaração em relação a gênero	Mora sozinho/a/o ou com outras pessoas
Entrevistade A	24 anos	Branca	Não-binária	Mora sozinho
Entrevistade B	25 anos	Branco	Não-binário	Mora com dois amigos
Entrevistada C	25 anos	Branca	Mulher	Mora com a mãe e avó
Entrevistada D	31 anos	Branca	Feminino	Mora com a mãe
Entrevistado E	22 anos	Branco	Homem cis	Mora com a mãe
Entrevistada F	24 anos	Preta	Mulher cis	Mora com a mãe, irmão e irmã

Entrevistada G	24 anos	Preto	Não-binária	Mora com pai e mãe
Entrevistada H	26 anos	Negra	Mulher cis	Mora com companheiro
Entrevistada I	23 anos	Parda	Feminino	Mora sozinha
Entrevistada J	23 anos	Preta	Mulher Cisgênero	Mora com o irmão
Entrevistada K	21 anos	Preta	Mulher	Mora com a irmã mais velha

Fonte: a autora.

A pesquisa pretende alcançar os objetivos através de análise qualitativa das percepções e análises de estudantes, juntamente com a bibliografia de autoras e autores sobre o cuidado, trabalho doméstico, gênero e trabalho. É importante ressaltar que esse trabalho foi feito a partir do meu lugar de mulher cis branca, jovem e que cuida⁵, o que influenciou a forma pela qual ocorreu o diálogo com as/os colegas entrevistadas. Sendo as entrevistas feitas com sujeitos que são meus pares, isso implica em uma simetria, razão pela qual decidimos trabalhar com as entrevistas como reflexões de análises simétricas, em que se cruzam as reflexões dos sujeitos com as minhas.

2.1 DAS ENTREVISTAS COM ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Nesta seção, vamos apresentar as pessoas entrevistadas e ilustrar como se apresentam algumas reflexões durante as entrevistas. No capítulo seguinte será desenvolvido e agrupado as reflexões dessas entrevistas a partir da minha percepção.

As pessoas estudantes que foram entrevistadas para esse trabalho refletiram sobre o que é o cuidado, sobre como o cuidado afetou as suas vidas e atividades durante a pandemia e como se deu a divisão dessas atividades entre as pessoas com quem mora ou com a sua família. As 11 pessoas têm idades que transitam entre 21 e 31 anos, ou seja, um público universitário jovem que está inserido em um núcleo de estudantes de graduação do curso de Ciências Sociais. A partir desse lugar,

⁵ Durante o trabalho serão expostos os significados de 'pessoas que cuidam', 'pessoas que são cuidadas' e 'pessoas que cuidam e são cuidadas'.

podemos entender e contextualizar as reflexões feitas e dos atravessamentos de cada pessoa entrevistada e como vivenciam essa questão.

Nas entrevistas, é importante destacar que as noções de cuidado, elencadas nos capítulos a seguir, das pessoas entrevistadas também são atravessadas pela classe, raça e gênero. Neste trabalho, se propôs discutir mais sobre as diferenças e desigualdade de oportunidades geradas pela classe na questão do cuidado e do trabalho doméstico. No entanto, por uma questão ética a renda não foi perguntada, assim que se tentou chegar a uma análise de classe a partir de questionamentos sobre as dificuldades passadas na pandemia em relação a sustentação da casa, ao acesso de alimentos, ou de poder acessar quaisquer elementos para a sobrevivência, assim como possibilidade de pagar as contas, etc.

Partindo desse diálogo, foi possível identificar uma diferença de classe entre as pessoas entrevistadas, as quais algumas relataram passar certa dificuldade de poder pagar as contas durante a pandemia, ou de sobreviver apenas com o valor das bolsas estudantis que a UFRGS disponibilizava, principalmente quando houve um atraso do pagamento das bolsas durante a pandemia, o que afetou diversos estudantes e relatado em algumas entrevistas, se notou a diferença de quem necessitava da bolsa para viver e de quem recebia a bolsa, mas que não teve grandes consequências por não receber o valor. Algumas alunas relataram que ao não receber esse valor por mês tiveram a sustentação da vida, da casa posta em risco e que passaram dificuldades para acessar serviços essenciais.

Em relação a classe das pessoas entrevistadas e a sua relação com o cuidado é notada a diferença de como isso afetou a sua vida na pandemia. As pessoas que não tiveram grande problemas com o cuidado e com o trabalho doméstico são de classes mais altas. As pessoas que relataram passar mais dificuldades em conciliar o trabalho remunerado com o trabalho doméstico e com o cuidado de forma saudável para a sua saúde mental foram pessoas de baixa renda, de forma que afetou os seus estudos e o trabalho remunerado.

É necessário relacionar como o atravessamento da raça impacta na reflexão das pessoas entrevistadas em relação ao cuidado. Partindo de que puderam ter reflexões mais profundas, porque é um tema presente de forma estrutural na sociedade brasileira e latino-americana, as pessoas negras e pardas entrevistadas F, G, H, I, J e K foram, na maioria, as mais afetadas pelo trabalho doméstico e cuidado durante a pandemia, algumas tiveram essa problemática hiperbolizada pelo período

pandêmico, mas era algo já presente nas suas vidas. As reflexões das pessoas brancas A, B, C, D e E entrevistadas na sua maioria não demonstraram tanto problema na sua execução ou de forma que agravasse as outras áreas da sua vida.

Desde a perspectiva da interseccionalidade de Bilge e Collins (2020) as divisões sociais que são produto das relações de poder de classe, raça, gênero, sexualidade e etnia devem ser analisadas a partir do cruzamento desses elementos, para que se possa entender a realidade social com as suas sobreposições e exclusões. Portanto, essas relações de poder interseccionais, que se potencializam à medida que em uma sociedade diversa e desigual são tão marcadas, as mulheres e pessoas não-binárias negras e de classe baixa são as que relataram e refletiram ter maior dificuldade e demanda com o trabalho doméstico e com o cuidado na pandemia. E tendo a interseccionalidade como teoria analítica da sociedade e das relações sociais e da problemática do cuidado, a descolonialidade e as perspectivas de Lugones (2014) e Cusicanqui (2010) também serão abarcadas como óticas da abordagem do cuidado neste trabalho.

Agregando o terceiro eixo de gênero da pesquisa, as três pessoas que se auto identificaram como não-binárias, entrevistades A, B e G trouxeram importantes reflexões sobre como foi feito o trabalho doméstico e de cuidado durante a pandemia saindo da visão do cuidado da família nuclear, é importante destacar que as/os entrevistades A e B são duas pessoas brancas e a/o entrevistade G uma pessoa negra, o que também diferencia as vivências em relação ao cuidado, assim como suas classes. Neste trabalho vamos dialogar no sentido de trazer mais conhecimento sobre as reflexões de pessoas não-binárias visto que nas relações sociais fogem do binarismo de gênero imposto de forma que são marginalizados, tanto na sua existência quanto no prestígio da reprodução dos seus pensamentos e reflexões. Grande parte das pessoas se auto identificaram como mulheres cis, as entrevistadas C, D, F, H, I, J e K, o que também forma grande parte da intersecção social que teve imposta a responsabilização do cuidado antes e durante a pandemia da COVID-19.

3 O AUTOCUIDADO, O DESCUIDAR DE SI E O CUIDAR DURANTE A PANDEMIA

Este capítulo será subdividido em seções a partir da minha percepção das reflexões das pessoas que foram entrevistadas e que considero mais relevantes para este trabalho. Vamos falar sobre as diferentes noções de cuidado que apareceram durante a pesquisa, a partir de qual lugar essas pessoas falavam e como isso se intensificou durante a pandemia e o período de isolamento social⁶.

É interessante refletir, a partir da interseccionalidade, como apareceu a questão do que é o cuidado para as/os estudantes. Apareceu muitas vezes como forma de autocuidado, assim como o cuidado em relação ao outro. É interessante pensar nessa correlação de autocuidado, pensando em um perfil de estudantes jovens, entre 21 e 31 anos, em um contexto sociopolítico em que a individualização e o autocuidado, como forma de cuidar de si, aparece muito ligado ao autocuidado do corpo e da saúde mental, cada vez mais presente como ideal nas redes sociais. Principalmente o autocuidado feminino, ou na exacerbação de um ideal de beleza, o que ganha espaço importante na concepção do que é cuidado. Essa conexão com a tecnologia foi o que Manuel Castells (1999) teorizou como seu problema central de pesquisa: os efeitos do informacionalismo, em que nessa relação dialética entre a tecnologia e sociedade permitiu-se o surgimento de uma nova estrutura social, que é a penetrabilidade da tecnologia da informação em todas as esferas da atividade humana, no sentido em que incorpora a sociedade nessa tecnologia, mas não a determina pela tecnologia.

O autocuidado sempre existiu, não trago aqui uma novidade, mas é importante fazer uma leitura do porquê e como ele se dá na sociedade globalizada de hoje através dessa ideia de autocuidado pela tecnologia, redes sociais, mídias etc. No entanto, a maioria das pessoas entrevistadas que tiveram essa percepção são pessoas brancas e que estavam no lugar de serem cuidadas ou de delegar o cuidado. Essa correlação se daria pelo discurso/percepção da sociedade de uma 'emancipação feminina' nas últimas décadas, o que na verdade representaria uma delegação do cuidado e das tarefas domésticas para outras mulheres, provavelmente negras e indígenas, e/ou imigrantes (Hirata, 2016).

⁶ O isolamento social foi relativo no Brasil, já que no governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) houve um grande negacionismo e não houve o incentivo a políticas de isolamento social ou políticas de combate em relação à proteção da vida e da saúde da população. Muitas pessoas não puderam fazer o isolamento, ou não acreditavam que o isolamento social poderia barrar o Coronavírus.

Outra percepção de cuidado como autocuidado que surgiu durante a pesquisa foi a partir da reflexão da entrevistada I que relatou o caso do seu pai, que tinha um autocuidado consigo, em um sentido negativo, na percepção da estudante, porque ele um homem cis que não cuidava de nada, nem de ninguém, somente tinha uma preocupação consigo mesmo durante o período da pandemia, assim como antes e depois, mas que quem o cuida são as mulheres da família. Seria um autocuidado de quem é cuidado. Será que o autocuidado só é possível nesta sociedade quando a pessoa é cuidada por outras? O descuidar de si para cuidar do outro, da casa, da vida também vai ser discutido mais adiante. Enfim, o ápice desse exemplo prático foi quando ele e a entrevistada se contaminaram com o vírus da COVID-19 durante as festas de final de ano, ou seja, os dois estavam debilitados e doentes, ela mais do que ele, porém quem teve que, mesmo assim, cuidar da organização, da comida, das pessoas, da limpeza, e muito mais, foi a entrevistada I.

Esta análise, a seguir, de cuidado como autocuidado, também pode ser entendida como algo ofensivo, por exemplo, no caso da entrevistada D, que relatou que em um certo contexto a sua chefe disse que ela “deveria se cuidar mais”, ou seja, que ela deveria ter um autocuidado maior. Nesse caso pode-se interpretar que por ser mulher ela foi cobrada por uma postura de cuidado, que mesmo que seja um autocuidado, ela deveria se responsabilizar por essa ação. O que abre uma discussão, que não pretende se estender neste trabalho, mas de que o cuidado na verdade é conceito muito maior do que o cuidado de outras pessoas, o cuidado da casa, o cuidado do espaço, o cuidado mental, a responsabilização pelo cuidado, mas é também o autocuidado, o mito da beleza de Naomi Wolf (1990) tão cobrado e cultuado pela sociedade em relação à mulher e sua relação consigo mesma de cuidado da beleza, do corpo perfeito, da saúde e das atitudes perfeitas. O que também pode afetar pessoas trans e não-binárias, na questão da pressão estética para se encaixar em um binarismo estereotipado de gênero ao que estão transicionando.

O cuidado e o autocuidado são reconhecidos como desenhos de cuidados que se situam na economia do cuidado (Batthyány, 2020). A economia do cuidado, segundo a autora, seriam todas as atividades cotidianas para a sobrevivência do ser humano em sociedade. Nessa economia estariam inseridos o autocuidado, o cuidado direto a outras pessoas, assim como o trabalho mental de planificar esse cuidado e todas as atividades para realizar o cuidado como a limpeza da casa, a preparação de alimentos, lavar roupas etc. (Batthyány, 2020).

Quiroga (2014), que também teoriza sobre a economia feminista, nos traz uma definição ampliada do que é cuidado:

O cuidado é uma atividade específica que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar nosso mundo, de maneira que possamos viver nele, tão bem como seja possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nosso ser e nosso ambiente, tudo o que buscamos entrelaçar em uma complexa rede de sustentação da vida. Esta definição inclui tanto a possibilidade do autocuidado, como de cuidar a outros, sem contar a sua dimensão afetiva, porém não o equipara a uma atividade mercantil qualquer. Além disso, incorpora tanto a perspectiva de quem concede como de quem recebe o cuidado (Quiroga, 2014, p.168).⁷

O cuidado seria, portanto, o conceito mais abrangente que será trabalhado nesta pesquisa, que abarca tanto o trabalho doméstico como as complexidades além dele. Muitas vezes o trabalho doméstico nas entrevistas apareceu relacionado a limpeza e o cuidado como cuidado de pessoas, isto é, sempre em relação a alguém e não a uma coisa ou objeto. O trabalho doméstico apareceu associado a limpeza, a cozinhar, lavar roupa etc. O cuidado então compreende não só o trabalho doméstico, mas a complexidade que é a sustentação da vida, do ambiente, da casa, como as relações se entrecruzam nessa dimensão de manter a vida e de cuidar.

O autocuidado está muito imbricado com o cuidado, porque como seres inseridos em uma sociedade, estamos em relações constantes com outras pessoas, mesmo sem querer estar em relações isso já se define em uma não-relação. Portanto, quando não está o cuidado, com o outro, o cuidado se torna um autocuidado, por estar cuidando somente a si mesmo. E isso remete a uma visão a partir de quem cuida.

Observamos nas entrevistas que o autocuidado apareceu de diversas maneiras, algumas pessoas só citavam o autocuidado, quando questionadas, e outras que elaboraram de forma mais desenvolvida, trazendo análises negativas do autocuidado de outros que não cuidavam, somente cuidavam a si mesmos. Ou sobre a falta de autocuidado como ofensiva, a partir de um lugar em que as mulheres devem sempre ter um cuidado, seja um autocuidado, um cuidado com os outros, ou com a gestão do cuidado dos espaços e ambientes. Nesse sentido, entendo que o autocuidado seja uma face do cuidado, já que na nossa sociedade fomos socializadas, nós mulheres e pessoas de gêneros marginalizados, para cuidar sempre do externo, assim como sempre manter o próprio cuidado. O autocuidado seria então, visto e explorado desde o externo, mais uma forma de cuidado para quem cuida. O

⁷ (Citado em CEPAL, 2010). Tradução própria.

autocuidado do seu pai, como analisa a entrevistada I, parte muito do autocuidado do homem cis, que representa a noção patriarcal em que o homem disfruta das melhores posições e cuidados, pelo status social que prevê o seu gênero. E isso é visto como egoísta pela ótica de quem cuida, como no caso da própria entrevistada, porque nessa posição, o cuidado dele é somente para ele mesmo e oprime a outras mulheres para que o cuidem também. Podemos pensar que o autocuidado não necessariamente parte de um lugar egoísta, por exemplo, atualmente também há o autocuidado de quem cuida e um chamamento para esse plano do cuidado, porque muitas pessoas que cuidam acabam esquecendo do seu próprio cuidado com a sua vida para dedicar energia e tempo ao cuidado alheio.

Este cuidado restringido à esfera privada é criticado por parte da teoria feminista, e que acredita que deva haver uma externalização à esfera pública da questão do cuidado (Sorj, 2013). No Brasil percebe-se que a divisão sexual do trabalho doméstico é marcada pelo gênero, no entanto, não somente por ele, mas também pela renda. As mulheres cis dedicam seis vezes mais horas aos afazeres domésticos do que os homens cis, porém esse número decresce à medida que a renda dessas mulheres aumenta (Sorj, 2013). No entanto, os homens cis oscilam somente uma hora entre os mais pobres e os mais ricos, ou seja, o marcador que define o maior tempo dedicado ao trabalho doméstico é o de gênero (Sorj, 2013). Conjuntamente, a posição ou hierarquia das mulheres na família nuclear também não variam tanto em relação ao tempo dedicado ao trabalho doméstico em comparação com os homens (Sorj, 2013).

Em relação a esse último dado de Sorj (2013), as entrevistas feitas nesta pesquisa mostraram situações diferentes em relação à posição ou hierarquia da mulher na família em comparação aos homens. Na conversa com as estudantes ficou evidente que a posição da pessoa entrevistada na família, principalmente das mulheres cis brancas, varia sim muito em relação ao tempo dedicado ao cuidado e ao trabalho doméstico, visto que as chefes de família, mães ou avós, eram as maiores responsabilizadas por esse trabalho. É importante ressaltar que essas famílias eram constituídas por mulheres brancas ou negras, e que não possuíam homens cis no núcleo delas, normalmente eram famílias formadas somente por mulheres cis. Portanto, é interessante notar que mesmo sem a presença de homens cis na família, mantem-se uma hierarquia de quem é mais responsabilizada pelo cuidado da família, do trabalho doméstico, do ambiente e dos animais, nesses casos, normalmente quem

cuidava mais dos animais eram as mulheres mais jovens. As entrevistadas brancas, que eram majoritariamente filhas e netas, não possuíam a sobrecarga do trabalho doméstico. Isso se diferiu de algumas entrevistadas negras e pardas, assim como não-binários, que tinham uma reponsabilidade maior no cuidado com os demais integrantes da família ou das suas relações.

Para Biroli (2015), no Brasil, o cuidado não é uma forma de trabalho feita por escolha própria, senão uma reponsabilidade atribuída a um gênero, pela divisão sexual do trabalho, que se define não por exclusão, mas por formas desiguais de inclusão. Na domesticidade das mulheres a mulher foi submetida ao papel de cuidadora e responsável pelo trabalho doméstico, de forma que os homens participaram da esfera pública, de trabalhos remunerados, e isso somente porque há alguém exercendo o trabalho doméstico e de cuidado do ambiente, de filhos, de comida etc. Nessa leitura, podemos ver pela teoria interseccional que se trata da experiência de mulheres brancas, porque no Brasil essa 'domesticidade das mulheres' *versus* inserção das mulheres no esfera pública, não inclui as mulheres negras ou racializadas, visto que o processo em que as pessoas negras, principalmente as mulheres negras passaram em relação à inserção no mercado de trabalho foi de que: "Mesmo nos dias atuais, em que se constatam melhorias quanto ao nível de educação de uma minoria de mulheres negras, o que se observa é que, por maior que seja a capacidade que demonstre, ela é preterida" (Gonzalez, p.14, 1979). Além disso, a saída das mulheres brancas da domesticidade para o âmbito público se dá porque "a libertação da mulher branca se tem feito às custas da exploração da mulher negra" (Gonzalez, p. 15, 1979). E o manutenção, através dessa superexploração da mulher negra, a mantém no âmbito doméstico. "O termo "doméstica" abrange uma série de atividades que marcam seu "lugar natural": empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc." (Gonzalez, p.16,1979). Ou no outro papel social de exclusão como "mulata tipo exportação" (Gonzalez, 1979).

Podemos refletir a partir dos dados empíricos das entrevistas que as pessoas jovens brancas (cis e uma não-binária) estão na posição de serem cuidadas, e as pessoas jovens negras e pardas entrevistadas são as que cuidam, em relação às suas famílias ou relações afetivas e de amizades. A lógica de "domesticidade" abarcaria também os jovens negros e negras entrevistadas, na medida em que são pessoas que cuidam. Na questão das famílias brancas e famílias negras ou birraciais das pessoas entrevistadas, a questão da domesticidade das mulheres sim ocorre, porém

também são as que trabalham remuneradamente fora de casa. Existe essa dupla jornada de trabalho, ou tripla para as chefes de família, tanto brancas como negras. Mas como dito antes, entre os jovens, os jovens negros e negras foram majoritariamente afetados pela problemática de domesticidade.

Podemos entender que a filosofia e cultura ocidental e eurocêntrica entende que as pessoas marcadas pelo gênero feminino existem enquanto uma relação com o outro. Segundo Simone de Beauvoir (1949)⁸, o gênero feminino é o segundo sexo, o outro que não o masculino, tudo o que é contrário ao masculino, uma alteridade negativa do homem. Dessa forma, as pessoas que foram socializadas a partir do feminino foram criadas para exercerem suas atividades para servir ao outro, não a si mesmas, mas uma construção de devoção às necessidades alheias da família nuclear, isto é, do marido, dos filhos, dos pais e familiares, que normalmente possuem um chefe de família, comando por homens cis em um sistema patriarcal. E isso manteria as mulheres somente com funções no âmbito doméstico, o que Biroli dá seguimento nas suas análises, em que o trabalho emocional do cotidiano e da reprodução e manutenção da vida carregam e tiram o espaço político das mulheres de atuação na democracia, ou seja, no espaço público (Biroli, 2015). Ademais, o cuidado e o trabalho doméstico não remunerado é tão invisibilizado que o problema demora para sair do campo privado ao público. Segundo Biroli (2015), o problema está na privatização do cuidado e da vida familiar. A noção de desfamiliarização do cuidado no Brasil, de Sorj (2013), segue no mesmo caminho de Biroli (2015), em que o problema do cuidado está na privatização familiar.

A noção de privatização familiar seria a responsabilização do cuidado e do trabalho doméstico dado apenas como das famílias nucleares e não de outras instituições como creches, escolas, pessoas que cuidam remuneradamente. Portanto, a desfamiliarização do cuidado seria estender a responsabilidade das famílias, principalmente das mulheres, às instituições públicas do Estado, e que abarque todas essas questões como sua reponsabilidade também, como, por exemplo, creches públicas, escolas públicas, asilos, quando pensamos na criação e no cuidado de pessoas, etc. Mas também isso se estende para a problemática do cuidado da casa, do ambiente, do trabalho doméstico, que são as questões que ainda permanecem muito no âmbito da privatização doméstica, em que as mulheres, normalmente, são

⁸ BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo, 2016. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2016.

responsáveis ou por exercerem esse trabalho ou por de delegar. A questão é a decisão e a responsabilização para Sorj (2013), Biroli (2014) e Quiroga (2014) de que as famílias nucleares devem exercer em relação ao trabalho doméstico e ao cuidado, elas planteiam que isso deva ser estendido ao Estado como um direito, para retirar a sobrecarga dada às mulheres, visto que sob a ótica de Frederici (2013), o sistema do capital só funciona pelo trabalho reprodutivo feito no âmbito doméstico pelas mulheres.

A questão de desfamíliação do cuidado e extensão ao âmbito público visto pelas autoras remetem a uma visão do cuidado que parte do binarismo de gênero, não que ele não exista e seja uma imposição em uma sociedade extremamente cisgênera e heteronormativa. Porém, reivindicar a delegação do cuidado para a esfera pública continua partindo da premissa de que a divisão desigual do trabalho entre homens e mulheres em uma família nuclear é o real problema do cuidado, não analisando que há outras formas de organização do cuidado como coletivas e sem dominações e que a origem da problemática do cuidado e da opressão que sofrem as pessoas que cuidam na nossa sociedade provém do processo de colonização.

Quando se trata da possibilidade de delegação do trabalho doméstico, para quais pessoas esse cuidado seria delegado, segundo o pensamento anterior? Como já dito em Hirata (2016) essa delegação do trabalho doméstico e do cuidado penderá para o lado mais oprimido, o das mulheres negras/indígenas e imigrantes, de baixa renda, que o fazem de forma mercantil ou não. Segundo Guimarães (2020), no Brasil, o cuidado permanece também muito no âmbito doméstico, no sentido de que ou ele é feito por trabalhadoras domésticas remuneradas, o “cuidado como profissão”; ou pelas mulheres sob um sistema patriarcal, o “cuidado como obrigação”; e o “cuidado como ajuda” que surge como comunitário e de trocas recíprocas (não-monetárias) entre pessoas em situação de extrema pobreza (Guimarães, 2020). O cuidado como “obrigação”, segundo a autora, tem uma relação estreita com o cuidado como profissão. Todos esses diferentes cuidados aparecem em países que não possuem políticas públicas estruturadas e fortes sobre o cuidado, como no Brasil e nos países do Sul global (ILO, 2018 *apud* Guimarães, p. 10, 2020).

No caso das pessoas pretas de baixa renda entrevistadas, os pais também se responsabilizavam no trabalho doméstico, ainda que não da mesma forma que as mulheres, sendo visto como “ajuda” (Guimarães, 2020), nesses casos a divisão de trabalho doméstico entre todas as pessoas da família era necessária por questão

financeira, na medida em que a renda de toda a família, ou do pai e da mãe conjuntamente, é necessária para sustentação da família, assim o trabalho doméstico era feito no sentido de que se mãe estava trabalhando fora, o pai exercia essa função, porém se as mães estavam em casa, eram as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, principalmente a “limpeza pesada” da casa. Os pais ficavam com os cuidados comuns da funcionalidade do cotidiano.

Um dado importante para essa discussão é trazido por Faria, Nobre e Moreno (2020), que segundo a pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” realizada por SOF (Sempreviva Organização Feminista) e Gênero e Número, apontam que nos estados do Pará e Maranhão, pelo menos, as elites tentaram estabelecer que o trabalho doméstico e de cuidado fossem considerados como essenciais durante a pandemia, o que permitiria que as trabalhadoras domésticas se deslocassem das suas casas para trabalhar na de seus patrões. É importante ressaltar que segundo as autoras Faria, Nobre e Moreno (2020), na realidade brasileira durante a pandemia, o funcionamento das infraestruturas da sociedade, que se baseiam numa organização servil, só foram possíveis pelas atividades e trabalhos de pessoas negras. Nesse caso, os homens negros também foram afetados, visto que muitos ocupam os postos de trabalho de serviços como segurança, portaria de edifícios, limpeza urbana e dos jovens que tem trabalhos precarizados e mal remunerados fazendo tele entregas em motos ou bicicletas para aplicativos de comida.

Isso demonstra que o trabalho doméstico e de cuidado são indispensáveis na sociedade, ainda que invisibilizados e mal remunerados. Juntamente, demonstra como as famílias de classes altas e brancas, durante esse período, continuaram delegando essa atividade às pessoas negras e quando não se pôde, houve o “reencontro” das mulheres brancas que voltaram a exercer essa atividade, porque na hierarquia de uma família nuclear, a questão de cuidado recai sobre elas e sobre pessoas de gêneros marginalizados nos momentos de crise (Faria; Nobre; Moreno, 2020).

Segundo a pesquisa Sem Parar (2020), as mulheres responsáveis pelo cuidado de alguém tiveram a percepção que o cuidado e o trabalho doméstico aumentaram um 60% na pandemia. Podemos relacionar esse dado com o “reencontro” com o cuidado das mulheres brancas de classe média, pois antes da pandemia possuíam as redes de cuidado, ou seja, delegavam o cuidado e voltaram a fazê-lo, como elucidado

anteriormente em Monticelli (2020). Podemos relacionar esse dado também como o incremento de sobrecarga das mulheres e pessoas não-binárias que sempre exerceram o cuidado e o trabalho doméstico, o que apareceu em sua maioria em pessoas negras. Assim como relacionar o “encontro” das pessoas que começaram a exercer o cuidado durante a pandemia, todos esses casos foram constatados nas análises das e dos estudantes. De toda forma, nas três situações de cuidar houve um incremento no cuidado durante o período da pandemia.

O fenômeno de “virada de chave”, durante a pandemia, sobre o cuidado e o trabalho doméstico, apareceu em algumas entrevistadas e entrevistados, assim como nas suas relações familiares. Contudo, o caso contrário também, isto é, se permaneceu nas mesmas práticas de não fazer, ou não cuidar, ou continuar sendo cuidado durante esse período. Muitas entrevistas mostraram uma percepção de que quem fazia continuou fazendo, de maneira mais sobrecarregada, e quem não fazia continuou não fazendo. Os dois processos existiram, mas também o terceiro, que vai ser elucidado a seguir.

Na análise da entrevistada K, ela percebe como o seu avô, durante a pandemia, se tornou mais sensível, mais carente de afeto e, após a pandemia, começou também a fazer mais o trabalho doméstico, a cozinhar, a limpar. O processo que ocorreu com o avô dela também se deu nas entrevistadas C, D e entrevistado E, todos auto identificados como pessoas brancas, em que começaram a mudar de comportamento no momento do isolamento social, por perceberem que o trabalho não se fazia sozinho, ou perceber como as mulheres trabalham mais nas tarefas domésticas e no cuidado, e de como se dá esse trabalho.

No caso do avô da entrevistada K, no entanto, ele se abstém desse cuidado quando a sua esposa, no caso a avó da entrevistada, está em casa. Isso coincide muito com o trabalho feito durante a pandemia por Castilla, Kunin e Blanco Esmoris (2020), que mostrou que houve um descentramento dos sujeitos que faziam o cuidado, isto é, mais homens, mais adolescentes ou crianças exerceram esse papel, porém a maior sobrecarga continuava recaindo sobre as mulheres, mães e chefes de família. Segundo as autoras, os discursos do governo argentino de cuidado entre si, do cuidado expandido para os espaços públicos, à comunidade, à sociedade e ao bem-estar geral de todos em relação ao combate do coronavírus, teria o intuito de tornar o cuidado como valor universal entre todos, pelo menos durante esse período

pandêmico, em que diversas propagandas dos governos eram divulgadas com a hashtag *#CuidarteEsCuidarnos*.

Algumas das entrevistadas e entrevistado começaram a exercer o cuidado durante a pandemia, por estarem mais tempo em casa e perceberem que “é um trabalho que não se faz sozinho”. Essa experiência surgiu no limite de uma situação particular, que foi a pandemia, e das relações tensionados ao máximo, como no caso em que um deles só começou a participar do papel de cuidar, e sair do lugar de quem é cuidado, após uma situação familiar em que houve uma quebra de laços por falta de responsabilidade no cuidado e no trabalho doméstico por parte do pai. Enfim, os atravessamentos extremos da pandemia, assim como a branquitude e os privilégios de classe, naturalizam a delegação da responsabilidade do cuidado dessas pessoas, que podem ver a mãe, a avó, as mulheres no geral, como responsáveis do seu próprio cuidado com a vida, com a casa, com os espaços e com as/os outres.

Dentre as pessoas entrevistadas há uma diferença entre as que produzem análises a partir da posição de quem está sendo cuidada e as que produzem análises a partir da posição de quem cuida. As pessoas que cuidam, na sua maioria as entrevistadas e entrevistades negras, assim como um entrevistade não-binário branco, marcavam uma preocupação ou uma queixa sobre o papel de estarem cuidando, de estarem fazendo o trabalho doméstico, ou de uma naturalização do cuidado consigo mesmas. Os relatos aparecem quase sempre em relação ao cuidado com outras pessoas ou com o espaço, além de simplesmente o trabalho doméstico que se intensificou durante a pandemia. No entanto, as pessoas que foram cuidadas não tinham uma responsabilização ou dimensão do cuidado com outras pessoas, para elas e ele, maioria brancos, cis e não-binários, o cuidado era apenas no âmbito do trabalho doméstico e no máximo com os *pets*. Não havia uma responsabilidade de cuidado com outres ou uma preocupação e queixa que se nota em pessoas que cuidam, além disso, nas falas a questão aparecia muito relacionada ao eu. As problemáticas que afetaram essas pessoas durante a pandemia não se deram pelo cuidado, majoritariamente se deu pelo trabalho remunerado ou por questão da saúde mental, não que não tenha sido dessa forma para as pessoas que cuidam também, mas no caso dessas últimas, se somava a demanda do cuidado.

O entrevistade B, segundo a análise de uma pessoa não-binária que cuida, relatou que acredita que o cuidado tenha sido feito mais por pessoas que estiveram em casa durante a pandemia, assim como ele, o que acabou tensionando esse lugar

de cuidar e ser cuidado, no entanto, não somente esse atravessamento, senão que também a socialização, a classe social e a raça dessas pessoas. Por exemplo, ele explica que pessoas que tiveram uma família nuclear mais presente “são pessoas que acabam sendo um pouco mais relapsas assim, não é, pensando organização de fato” (Entrevistade B), ou seja, que delegavam esse cuidado e eram cuidadas. Enquanto pessoas que são de classes mais baixas, e/ou foram socializadas como mulher, assim como atravessamentos de raça, normalmente tem mais cuidado e atenção com o espaço em seu entorno, por já terem vivenciado experiências de cuidado. É interessante destacar que pela sua vivência como não-binário ele analisa que as relações com o cuidado dependem muito da presença ou não da família nuclear, visto que convive com relações de amizade ou companheiras, saindo dessa questão familiar e discutindo a partir de espaços comunitários em que ele vive, onde existe uma horizontalidade maior, porém em que ele foi quem mais exerceu e destacou o porquê disso, o estar em mais tempo em casa durante a pandemia, assim como a socialização de gênero e classe social.

O entrevistade B também traz o conceito de descuidado consigo mesmo durante esse período de isolamento, em que o cuidar fez com que ele se descuidasse ao cuidar da casa e da limpeza. O trabalho doméstico fez com que ele se prejudicasse no seu trabalho remunerado e nos seus estudos. Assim como a demanda excessiva do trabalho remunerado durante esse período também prejudicou a sua saúde mental. Isso mostra o quão nociva foi essa relação de tensão entre o tempo disposto, em que ocupava a maior parte do dia, para exercer o trabalho de limpeza, organização, cuidado, enfim, todo o trabalho mental intercalado com o trabalho de *home office* que o prejudicou durante esse período. O que trouxe traumas e uma mudança na visão de limpeza e de organização. Por sorte, ao mudar de convívio e voltar às atividades presenciais, essa sobrecarga mental que o trabalho remunerado junto com o trabalho doméstico causou durante o isolamento social se modificaram para algo mais equilibrado. Portanto, o contexto de estar isolado em casa socialmente trouxe experiências únicas de extremos, nota-se que com a volta à presencialidade das atividades remuneradas e de estudo houve uma melhora na demanda do cuidado, no entanto, isso partiu do próprio entrevistade que mudou a sua relação com o trabalho doméstico e soube lidar com a situação e distanciar-se dessa responsabilização total; o que não se viu em outras e outros entrevistados, que continuaram a sentir a demanda do cuidado e do trabalho doméstico mesmo após o fim do isolamento social.

Estes casos são os de pessoas que já tinham naturalizado o cuidado como algo normal e cotidiano, sendo este o caso de mulheres e não-binárias negras.

Uma delas foi a entrevistada G, um dos casos que mais foi afetado pela pandemia, nessa relação de descuido consigo; cuidado com o externo; tensionamento com os estudos e saúde mental foi e é muito presente na vida dele, assim como de várias pessoas entrevistadas. É muito importante esse relato porque traz a noção do cuidado com as tarefas domésticas como um descuidar de si, isso toma parte central da sua vida no momento, tendo até que utilizar ansiolíticos para lidar com esse problema. O cuidado aqui trouxe uma forma problemática de que o externo tem que estar organizado e limpo para que ele possa estudar ou fazer outras atividades.

Eu acho o cuidado doméstico está na manutenção, não é? Tipo, eu vejo a importância disso, porque eu não consigo me, me colocar num cuidado meu, enquanto as coisas do meu entorno não estão, não estão arrumados ou não estão organizadas minimamente, não é? Eu acho que isso mexe muito, e aí pensando no contexto, pandêmico também, eu me via sempre muito, me voltava muito para o lugar de uma *nóia* para conseguir me organizar de fato, não é? Agora também tem sido bastante importante que eu comecei o tratamento com ansiolítico e ele tem trabalhado, e ele funciona muito para esse sentido da organização, então se já se dava de uma forma não intencional, agora, de fato, há essa intenção em manter esse cuidado com fora, por fora para me fazer bem, então ele é central assim ultimamente na minha vida (Entrevistada G).

Assim como essa pessoa entrevistada, outras entrevistadas e entrevistades também sofreram com a questão do cuidado e trabalho doméstico por compartilharem a casa com a família, amigos, companheiros, ou simplesmente compartilharem relações estendidas com familiares que viviam em outro espaço. A maioria das pessoas que se sentiram afetadas pelo cuidado durante a pandemia foram pessoas que estiveram em um núcleo familiar durante a pandemia, ou por um tempo ao longo dela.

Essas mulheres e pessoas não-binárias negras demonstram como a questão de compartilhar a vida, a casa e os espaços pode ser problemática se analisamos a partir de gênero e raça as relações, diferentemente das pessoas que moravam sozinhas durante a pandemia. Um exemplo disso é de uma das entrevistadas não-binárias, a entrevistada A, que mora sozinha e que não se sentiu descuidada consigo, o cuidado foi executado como trabalho doméstico apenas, ou sem que isso tenha afetado seus estudos ou sua vida de forma grandiosa. Mas o cuidado quando associado à divisão de tarefas, ao afeto, gera uma complexidade de negociações e

tensões por isso. O conceito de cuidado aparece como complementar do trabalho doméstico, porque abarca essa parte invisível, não material, do que é esse cuidado a partir das relações sociais. Digamos que é indissociável um cuidado sem tensionamentos quando há uma relação com outro na nossa sociedade. E aí é quando se tensiona a relação entre gênero e raça, quando mulheres cis, trans, pessoas não-binárias são, normalmente, oprimidas a exercerem esse papel de responsáveis pelo cuidado nas sociedades colonizadas e que seguem num ideal de sociedade e modelos organizacionais de binarismo de gênero, onde existe e se pretende chegar na desfamiliarização do cuidado, em que se delega o cuidado e o trabalho doméstico à outras instituições e grupos sociais.

Essa responsabilização do cuidado apareceu de forma mais marcante entre as pessoas negras e pardas entrevistadas do que nas pessoas brancas, em relação às suas próprias famílias ou círculos sociais nos quais conviveram mais intimamente. As autoras Biroli e Sorj acreditam que a solução para os tensionamentos gerados a partir das relações de cuidado deva ser levada ao campo público, em delegar esse cuidado para tirar o peso das mulheres cis. No entanto, como vamos ver mais adiante, o problema do cuidado não é visto somente pelo prisma patriarcal, como veem essas autoras. Essa problemática deve ser analisada a partir da questão colonial, de classe e de raça, assim como dos demais gêneros marginalizados e oprimidos pela colonialidade masculina e cisgênera.

3.1 O CUIDADO COMO AFETO

No processo da pesquisa e das entrevistas, o que levou a essa problemática se tornar mais voltada para o que é o cuidado para estudantes, foi em grande parte pela associação que as pessoas fizeram entre cuidado, trabalho doméstico e afeto.

O cuidado visto como afeto por muitas estudantes entrevistadas se imbrica mais com a noção de complementariedade de Cusicanqui (2010), e não de um binarismo tensionado, que pressupõe as funções de cuidado delegados a dois gêneros antagônicos. O cuidado como afeto surge nas análises dos estudantes que o veem não necessariamente como negativo, senão como algo complementar e de conforto. Nesse caso o cuidado pode ser visto como afeto quando as relações e funções se complementam e não se dominam. Pode-se entender, portanto, que a colonialidade fez do cuidado afetivo um trabalho.

Analisando essas relações a partir de um olhar latino-americano, Cusicanqui (2010) faz uma sociologia em que o gênero e o cuidado são temas que atravessam as mulheres, principalmente as indígenas e mestiças, e olha desde a perspectiva andina pré-hispânica o gênero, o qual é uma questão causada pela opressão colonial e masculina (Kovalczuk, 2021). No entanto, a situação das mulheres nas sociedades pré-hispânicas não pode também ser idealizada como harmoniosas e de plena igualdade, porque seria, segundo Cusicanqui, uma visão maniqueísta e binária do ocidente interpretar as relações somente assim. Porém, isso também não quer dizer que as mulheres andinas nesse período não possuíam outra posição dentro da sociedade, elas disfrutavam de poder simbólico e de certa maneira, o gênero era visto como complementar entre si, com diferenças, e não a partir da igualdade que se tenta instituir atualmente entre os gêneros no ideal ocidental. O feminino era entendido como uma identidade mutável e relacional, enquanto o masculino era tido como fixo em noções de território e mapa (Kovalczuk, 2021).

Por isso, na América Latina, a colonização feita pela noção masculina a partir do Estado, “domestica a alteridade indígena, [...] certifica a condição étnica e a encerra em limites (jurídicos, geográficos) que minam suas potencialidades de autonomia e autogoverno” (Cusicanqui, 2018, p. 119, tradução livre, *apud* Kovalczuk, 2021, p. 50) e isso também implicou na domesticidade das mulheres ao âmbito privado, por uma visão eurocentrista-masculina de noção de gênero. Isso leva Cusicanqui (2010) a diferenciar os debates de desigualdade de gênero do feminismo europeu da segunda onda, que era centrado na conquista do mercado laboral remunerado e do espaço público, pois isso é desafiado pela epistemologia *ch'ixi* de Cusicanqui, como sugere Kovalczuk (2021), nos povos andinos, e aqui pode-se estender à América Latina, as relações nas sociedades pré-hispânicas entre feminino e masculino articulavam-se entre noções assimétricas, mas complementares.

Um exemplo dessa dicotomia entre binarismo e complementariedade no cuidado apareceu de forma muito natural no relato da entrevistada I, que durante a pandemia viveu três momentos na mesma casa: viveu com a sua família, viveu sozinha e viveu com um grupo de indígenas. Relacionar a experiência de cuidado dela para entender o cuidado como comunitário foi importante porque relacionando as diferentes interações que existem em relação ao cuidado: o da sua família, que podemos entender como patriarcal, ou que possui um chefe de família que oprime as mulheres, e as relações comunitárias dos indígenas que compartilhavam o cuidado

entre homens de média idade, crianças e senhoras. E de como ela se sentia compartilhando ou tensionando o espaço da sua casa dependendo do grupo que se apresentava.

Sim, sim. Eles me ajudavam muito mais do que o meu pai, por exemplo, tipo o César⁹, que era um cara que ficou aqui, eu chegava em casa, estava trabalhando, chegava em casa e tinha comida, tinha não sei o que. As crianças, sempre lavavam a louça. Enfim, era uma coisa bem mais, mais compartilhada assim, observo muito quando, porque é uma facilidade de se sentir em casa do mesmo jeito quando eu vou na aldeia deles lá, eu lavo a louça e faço as coisas, é tudo um, um cuidado que é muito natural, assim, não precisa ficar mandando. É, e até uma coisa de, de, de respeito, assim, tipo, a gente tem muito. Quando as pessoas vão comer, a gente serve primeiro, os mais velhos, né? Daí depois das crianças, aí depois a gente. Isso é muito natural da, da cabeça. Mas vai ser diferente assim, tipo meu pai, meu pai, além de homem, é um homem branco, então daí ele as coisas são bem mais individuais (Entrevistada I).

Esse relato permite entender como as sociedades indígenas entendem o cuidado de outra maneira, em uma horizontalidade maior, não idealizando essas perspectivas, mas na prática se diferenciam dos moldes engessados da sociedade no modelo de vida colonizado.

Importante também olhar para as relações do cuidado e da complementariedade das funções na família nuclear da entrevistada G, quando perguntada sobre como foram as divisões das responsabilidades em relação ao cuidado na sua família, afirma que desde sempre, na sua criação, as funções sempre foram compartilhadas entre a sua mãe, o seu pai e ele de formas que não tensionavam entre si. A perspectiva aqui aparece como de quem é cuidado e cuida, sem uma atribuição de alguém, de algum chefe de família, mas das definições em conjunto do que é reponsabilidade de quem, de forma definida e do que poderia ou não ser compartilhado, como os espaços em comum. Isso de alguma forma transmite a noção de afeto no cuidado, em que há uma preocupação em não exceder o trabalho para ninguém, principalmente na mãe, nesse caso, assim como a noção de complementariedade e cuidado comunitário.

Na entrevista da J, também aparece um exemplo interessante de cuidado como afeto, mesmo que ela seja uma mulher cis negra que teve situações de tensão com o ex-companheiro pela falta de responsabilidade dele no cuidado com a casa e concomitante na relação, a mãe da entrevistada tem uma outra noção de cuidado com o marido. Para ela, o estar cuidando do marido não é visto como problemático, se não

⁹ O nome foi trocado para preservar a identidade.

que lhe agrada, mesmo ele não exercendo essa função. Poderíamos traçar diversas tentativas para explicar essa noção, mas uma delas seria de que ambas as partes, em conjunto, se complementam nas suas próprias noções de cuidado. Isso é interessante porque durante a pandemia, a entrevistada J conviveu, assim como atualmente, na mesma casa com o irmão, e ela não teve nenhum problema na divisão de tarefas com ele, porque os dois são responsáveis pelo trabalho doméstico, assim como vêm da mesma família.

O afeto no cuidado, portanto, apareceu tanto no sentido positivo como negativo. As relações entre descuidado consigo, o autocuidado, e cuidar de outros também são análises entre cuidado e afeto por parte das pessoas entrevistadas. Uma fala que expõe de maneira muito clara a relação entre cuidado e afeto se deu com a entrevistada I:

Acho que é sempre tem a ver em relação ao outro, não é? Porque sabe que a gente pode se cuidar, o autocuidado, mas acho que cuidado tem a ver sempre com relação a ter, com relação mesmo o autocuidado tem a ver com a relação que a gente tem com a gente mesmo. Então, sempre em relação a alguma outra parte. E, não sei, eu penso algo não necessariamente um cuidado tem que, tem um sentimento afetivo, uma coisa assim, mas é desafetos, mas não, não necessariamente do, do emocional, não é? Foi algo bem, me pegou de surpresa (Entrevistada I).

Numa síntese, o cuidado pode ser considerado sempre em relação com o afeto, porém, pode ser tanto um afeto positivo como negativo. E quando ele saiu desse lugar, a partir da colonização, torna-se algo comercializável e uma forma de trabalho pelo patriarcado capitalista, assim como uma forma de dominação por gênero e raça. Essa noção dá sustento ao entendimento de que o gênero deve ser entendido de outra maneira do que nos foi imposto e apagado pela colonização ibero-americana. Somando e essa interpretação, Lugones (2014) traz a ideia de colonialidade do poder, de Quijano (2014), que enfoca na questão da colonialidade do saber por relações de dominação, exploração e conflito entre o poder do saber, explorando as dominações de “raças”.¹⁰ No entanto, Lugones (2014) parte da colonialidade do saber para interpretar gênero mais complexamente, definindo-o como gênero moderno/colonial. Não é somente a invenção da “raça” que é permeada pela colonialidade. A colonialidade atravessa todas as experiências humanas de controle do sexo, subjetividade, trabalho e autoridade em binarismos e relações de dominação entre eles. Assim, Lugones acredita que os “eixos estruturais” de Quijano, para explicar

¹⁰ “Raças” entre aspas porque o autor a entende como um termo fictício.

gênero são limitados e acredita que o pensamento de Oyewùmi (1997) abarca mais, porque questiona que se o patriarcado é uma categoria transcultural válida, visto que gênero não era uma categoria organizadora da sociedade Yorùbá antes da colonização ocidental. E quando a ideia de gênero foi introduzida pela colonização, criou-se uma ferramenta de dominação poderosa, em que a categoria “mulheres” foi criada e foi inferiorizada, todas aquelas pessoas que não eram “homens”, assim como houve a inferiorização racial. Nessa dominação feita por categorias binárias e duais, as “mulheres” iorubás tiveram seus status políticos retirados das estruturais estatais (Oyewùmi, 1997).

Complementando, Lugones (2014) também destaca que a colonialidade reservou o trabalho assalariado quase que exclusivamente aos europeus brancos e que a divisão do trabalho está completamente racializada e geograficamente diferenciada. Assim, o cuidado é uma fusão do trabalho com a raça, por não estar devidamente enaltecido e remunerado.

Retomando Kovalczuk (2021), também existem outras concepções que definem o conceito e a origem do cuidado, que não se retém somente ao domínio doméstico e familiar, assim como a forma de resolução para essa problemática. Silvia Cusicanqui tem uma visão diferente do cuidado do que se produz na Sociologia sobre o tema, considera que o trabalho doméstico e do cuidado como invisibilizado e desvalorizado, porém não se detém a esse olhar do cuidado. Parte da epistemologia *ch'ixi*¹¹ que permite enxergar além da visão do trabalho, da família e da responsabilidade estatal (Kovalczuk, 2021). Existem outras formas que são relacionadas à natureza, à produção do viver em si, que são autogestionadas e comunitárias, saindo do binarismo de público e privado do pensamento liberal.

Dessa forma, as análises feitas pelas pessoas entrevistadas sobre o afeto no cuidado se relacionam com formas de cuidar sem a imposição da capitalização do cuidado como trabalho, principalmente nas famílias ou grupos racializados entrevistados, mas para a produção do bem comum (Kovalczuk, 2021), assim como pelas autoras Cusicanqui e Lugones. As relações entre cuidado e afeto estão em um lugar difícil de ser quantificado quanto ao reconhecimento das atividades, pensando no exemplo do entrevistado E, em que ele diz que cuidado para ele era quando:

¹¹ “[...] o *ethos ch'ixi* sugere uma prática e reflexão comunitária e orientada ao público comum, que se opõe às práticas totalizantes adotadas tanto pelas elites coloniais como pelas elites burguesas latino-americanas” (Kovalczuk, 2021).

Ah, eu tenho uma, ela não é uma metáfora, pode ser uma metáfora sobre isso, que eu acho que representa muito, que eu considero assim. Que é quando eu era piá e eu precisava comer verdura e tal. E eu não gostava. E aí, minha mãe botava escondido no feijão para eu comer. Então eu não sei, eu acho que isso, essa metáfora, assim me define muito o cuidado para mim isso assim. Não saberia te definir exatamente, mas eu acho que essa, essa definição assim, enfim, é o que me vem à mente (Entrevistado E).

Como se quantificaria então o valor de esconder a verdura do feijão para o filho se alimentar de forma mais nutritiva? Entra-se numa zona cinzenta em relação ao reconhecimento do cuidado como trabalho, porque se cuidar é uma demonstração de afeto, qual seria o sentido de remunerar isso, ou cobrar do Estado uma posição ou políticas públicas que você cuida do seu filho? Sem negar as problematizações acerca do trabalho produtivo e reprodutivo pensando numa lógica de acumulação capitalista, que transforma tudo em um trabalho, até relações sociais, é interessante pensar na ambivalência que surge nessas concepções de cuidado trazidas pelos estudantes entrevistados/as, de como o cuidado pelo afeto não necessariamente é visto como trabalho. Acredito que quando o afeto é negativo, como, por exemplo, a questão de cuidar de pessoas saudáveis que podem cuidar de si mesmas, simplesmente pela obrigação e dominação social por gênero ou raça, a posição de que isso deva ser reconhecido é muito marcante nas pessoas entrevistadas, principalmente quando se trata de relações entre filhas e pais, ou relações amorosas, tanto heteronormativas como *queer*. E o ser reconhecido em uma sociedade capitalista requer ser remunerado. O que faz sentido em um contexto de lógica moderna capitalista em que tudo é comercializável, até o cuidado ser reconhecido como trabalho “produtivo”.

3.2 O CUIDADO, OS ESTUDOS E O TRABALHO REMUNERADO

Nas entrevistas, o que pudemos perceber de forma mais geral nas análises sobre a maior problemática na pandemia foi a concomitância entre: isolamento social; trabalho remunerado; cuidado; trabalho doméstico; estudos e saúde mental. Todos esses elementos apareceram durante as entrevistas, e se nota que o trabalho remunerado, o *home office*, assim como a questão da saúde mental foi o que mais afetou as pessoas durante a pandemia. Ou seja, a questão inicial que fora planteada de como o cuidado durante a pandemia afetou os estudos das e dos estudantes aparece como secundária, porém foi a que mais teve consequências práticas na vida das entrevistadas negras e pardas que foram afetadas por isso.

As entrevistadas G, H e I, foram as que tiveram seus estudos mais afetados pela demanda e sobrecarga do cuidado durante a pandemia, principalmente pela questão dos espaços na casa, da falta de espaços próprios ou um respeito maior aos momentos de estudo, assim como a disponibilidade de ferramentas que eram compartilhadas na casa, como computadores, para a questão do ERE da UFRGS. Quando perguntada se a responsabilidade com o cuidado e o trabalho doméstico afetaram os seus estudos, houve o seguinte relato da entrevistada H:

Eu acho que totalmente. Eu acho que eu nunca mais consegui ser a mesma aluna, sabe, tipo no início que a gente estava ali ainda na pandemia do primeiro semestre de ensino remoto emergencial. Eu fiz 6 cadeiras porque eu estava matriculada nelas antes, né? [...] Eu acho que tudo é mais, mais difícil agora. Eu, eu, eu ainda estou de saco cheio das tarefas domésticas ainda eu acho, sabe? Ainda mais morando assim com meu companheiro, tipo, agora mesmo, estou aqui conversando contigo estou olhando para a pia cheia de louça e pensando 'meu Deus, assim que eu desligar vou ter que lavar essa louça'. Aí já estou pensando na reunião, de tarde e é o espaço de casa virou impossível de estudar para mim assim, prefiro mil vezes pagar uma passagem, me enfiar na biblioteca da UFRGS, do que ficar aqui dentro de casa, porque daí derruba uma coisa, eu já vou limpo, a pia enche de louça já vou e lavo, a roupa está para lavar eu vou lá e lavo, eu não tenho essa escolha de não fazer, sabe? Pelo menos em outro espaço que não seja a minha casa eu fecho os olhos e vou fazer outra coisa. Tipo lá na UFRGS eu fecho meus olhos e vou estudar. Não interessa que está acontecendo aqui dentro, mas aí eu chego e aí, ok. Eu acho que essa separação de ambientes foi importante assim e também foi o que dificultou da durante a pandemia assim, estar tudo no mesmo ambiente e depois essa separação está ajudando um pouco a tentar recuperar o ritmo assim (Entrevistada H).

Essa análise é muito importante para marcar como o estar em casa muitas vezes pode ser problemático para os e as estudantes e como um espaço adequado e a presencialidade não são meros espaços ou situações. Para elucidar mais a questão do trabalho doméstico e os estudos, existe também o abandono dos estudos, ou interrupção para dedicar-se a questões mais 'urgentes' ou não, algo que é recorrente, independentemente de pandemia ou não. Mas é importante destacar que muitas vezes se dá pelo motivo da produção do capital, seja ele remunerado ou o trabalho de cuidado, o trabalho produtivo ou reprodutivo. Nesse caso, a entrevistada I teve uma demanda muito alta de produzir o trabalho de cuidado, o que para ela seria como obrigação.

Ah, sim, nossa! Justamente assim, por morar com outras pessoas, ali, né, quando eu tentei começar até a dar conta do semestre remoto, assim, ainda morava com eles, tipo, muita gente morando junto, a casa é pequena. Era aquela coisa, barulho, todo mundo tinha que usar tipo, a gente só tinha um computador ali. Todo mundo tinha que usar o computador. Aí, eu assim era tudo muito parado, só que ao mesmo tempo, tipo, a casa continuava, sabe? Não tinha essa coisa de parar, tipo a fulana está tendo aula, não. As coisas continuavam. Tinha que fazer janta, tinha que fazer isso, fazer aquilo, ajudar minha irmã menor na escola, e às vezes a gente tinha aula no mesmo

período. E enfim, daí eu, eu acabei desistindo assim, eu procurei dar prioridade justamente para os cuidados com a minha família. E como a minha saúde mental ficou bem ruim, acho que a de todo mundo e acho que dificulta muito (Entrevistada I).

Igualmente, mesmo cursando os semestres seguintes, não teve o mesmo aproveitamento por estar em casa e constantemente fazendo o trabalho de cuidado. Assim como a entrevistada H, que sentiu que o rendimento na faculdade caiu drasticamente durante e depois o período da pandemia, mas ao contrário dela, a entrevistada I não sentiu essa sobrecarga do cuidado após o período da pandemia. Em parte, também porque ela começou a morar sozinha durante esse processo, então não sentiu mais essa demanda da família com o trabalho de cuidado, mesmo que esse tensionamento tenha se expandido no espaço, porque mesmo que a família morasse em outro lugar, em alguns momentos ela também teve que se responsabilizar por questões de cuidado com a família.

O trabalho realizado no artigo *As Ciências Sociais na pandemia da Covid-19: rotinas de trabalho e desigualdades (2021)*, os participantes do *survey*¹² que mais relataram que o impacto da pandemia nas suas rotinas de trabalho acadêmico foi “muito negativo” foram pessoas autodeclaradas pretas, pardas, amarelas e indígenas, agrupadas na categoria não brancos(as), (29%), em que tanto de homens quanto de mulheres optaram por tal item (Candido, *et al.*, 2021). O que coincide com as pessoas entrevistadas neste trabalho.

Dessa forma, muitas entrevistadas e entrevistades despenderam um total de horas para o cuidado e o trabalho doméstico quase igual, ou superior, ao dos seus trabalhos remunerados. Então, isso se tornou problemático para elas, porque na sua percepção se sentiram esgotadas pelas funções conjuntas no mesmo espaço e simultâneas, narradas de forma intercaladas, como lavar a louça enquanto assiste uma reunião, levar e estender roupas enquanto assiste às aulas remotas, enfim, uma infinidade de funções que podemos citar, tanto práticas como todo o trabalho mental invisível, que não se pode quantificar, mas que existe e se pretende visibilizar neste trabalho.

Lélia Gonzalez (1979) contribui para a compreensão de como se dá a relação entre trabalho remunerado e cuidado como trabalho das mulheres, principalmente

¹² Docente de universidade pública (345); estudante de pós-graduação bolsista (275); estudante de pós-graduação sem bolsa (173); outras categorias (538); total de 1.331 pessoas. Áreas das Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Relações Internacionais e outras áreas (Candido, *et al.*, p.35, 2021).

mulheres negras, e aqui podemos estender para pessoas não-binárias negras, como o caso de entrevistades.

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações mentais sociais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. No que se refere à discriminação da mulher, que se observe, por exemplo as diferenças salariais no exercício de uma função junto ao homem, e a aceitação de que “vai tudo bem”. Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas, faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca (Lélia Gonzalez, p. 15, 1979).

As pessoas mais afetadas, no sentido que tiveram consequências práticas de mudanças causadas pelo cuidado e pelo trabalho remunerado, durante a pandemia, foram as entrevistadas pretas e pardas, muito pelo fato de já ter essa demanda grande antes mesmo da pandemia. Isso mostrou-se uma questão central nas pessoas pretas e não nas brancas entrevistadas, assim como a naturalização desse trabalho, Gonzalez (1979) indica que essa naturalização se dá por ser considerado natural o desempenho das mulheres negras nos papéis desvalorizados economicamente.

O que se encontrou empiricamente nas entrevistas, de forma geral, é que o cuidado e o trabalho remunerado, por muitas vezes terem o mesmo empenho de horas dedicados, fez com que as/os estudantes estivessem sobrecarregadas por estarem em um ambiente só realizando as demandas remuneradas e as de cuidado, então, diferente do afeto positivo em relação ao cuidado, essas noções de problematizam pendem mais para a noção do cuidado como trabalho, principalmente o cuidado da casa e do trabalho doméstico em si, da limpeza e organização dos espaços.

3.3 O PODER DE ESCOLHA

A noção do cuidado, quando imbricado com a questão de gênero, apareceu bem alarmante para muitos das entrevistadas/es sobre o papel de homens cis no cuidado da pandemia quanto questionadas/es se esse esforço se acentuou, diminuiu ou permaneceu igual durante esse período. Não se pode negligenciar na análise sobre cuidado e sobre a escolha de quem o faz está permeada pela questão de gênero e da dominação patriarcal trazida pela colonização, a qual embutiu o binarismo de gênero, criou a “raça” e classes e se infiltrou na intersubjetividade de todas as esferas humanas, segundo Quijano (2014). Esse modelo de dominação em que vivemos, em

uma sociedade extremamente opressora e violenta na responsabilização do cuidado para com pessoas que não se identificam como homens cis e brancos, gerou o poder de escolha do exercício do cuidado.

Alguns entrevistados e entrevistadas relataram de um extremo ao outro suas percepções sobre como os homens cis se centraram, ou não, no papel de cuidadores. Partindo de um lado, houve um relato sobre a dinâmica familiar de um entrevistado que dizia o seguinte:

É assim, o que eu via muito dos meus familiares era a reclamação sobre a questão da divisão do trabalho, não é? Tipo 'agora tem que ficar em casa e tem que ficar fazendo as coisas dela', tipo, sempre rolava esse papo dos meus tios pelo menos, ou dos meus primos e tal. E tipo, se viram nessa pressão como se fosse algo impossível de ser vivido assim, a pessoa às vezes preferia estar se colocando num bico, num trabalho de risco fora de casa para não estar trabalhando. Tipo, eu vi pessoas fazendo isso, o marido da minha prima que veio a falecer depois de covid. Foi meio que isso, sabe? Porque ele não queria ajudar em casa ele saía para fazer bico, fazer qualquer outra coisa na rua. Claro, ele também tinha outros problemas que impactaram, mas a covid foi uma delas também que veio a, veio a pegar. Então, tipo, havia muitas pessoas reclamando da questão do trabalho. Para a gente também, apesar de ser distribuído, ficou cansativo, não é? Pensando no contexto todo que se dava e de também o aumento, não é? Do trabalho, que querendo ou não aquela questão da higienização que se tornou mais neurótica da gente passando, nossa, deu até gatilho de lembrar. De passar álcool no pacote de arroz para guardar no armário, coisa que não faz sentido hoje, não é? (Entrevistado G).

Esse relato demonstra que esse homem fez a escolha de colocar a sua vida em risco, e veio falecer depois por ter contraído a Covid, para não passar o tempo dentro de casa e fazer parte do trabalho doméstico e de cuidado. Ou seja, foi novamente uma escolha, um poder de escolha sobre exercer ou não o papel de cuidadores, mesmo em um momento tão único e frágil, provavelmente sobrecarregando as mulheres e não-binários da família a escolha foi de não se responsabilizar.

A noção de que o trabalho doméstico é problemático, é trazida por Frederici (1975), que planteia que sob o sistema capitalista todo o trabalho é explorado, mas que o salário pelo menos traz a falsa impressão de que é um acordo, um contrato justo entre trabalhador e patrão. E nessa posição, como trabalhador, podes lutar e negociar os termos, as horas, a remuneração por esse trabalho. No entanto, o capitalismo patriarcal embutiu no imaginário social que por as mulheres serem "naturalmente" cuidadoras, isso não seria um trabalho produtivo e a ser remunerado. Também é parte da questão do que Saffioti (1978) quer dizer com o patriarcado no Brasil, que o situa tanto na esfera privada como na pública, ou seja, essa relação

patriarcal e capitalista em que tudo torna-se um trabalho, uma função de dominação sobre o outro, na relação de chefe-trabalhador. Isso refletiu muito no período da pandemia, porque no trabalho remunerado que também protagoniza a forma patriarcal de viver, em que as/os estudantes sentiram que os afetaram muito mais que o trabalho doméstico. Essa demanda extenuante tanto na esfera pública como na privada do Brasil, e sua origem escravocrata, refletem isso, principalmente na pandemia quando essas duas esferas, divididas na nossa sociedade por esse capitalismo da branquitude, se juntaram no mesmo lugar para essas e esses estudantes, no âmbito familiar/doméstico.

O relato e análise da entrevistada sobre o marido da prima não querer cuidar ou fazer o trabalho doméstico foi relacionado com a teoria da Frederici no sentido de que, ele escolheu estar fazer o trabalho produtivo e ser remunerado na pandemia e não o trabalho doméstico, porque acreditava que fazendo o trabalho doméstico não seria reconhecido - remunerado - por isso, o que ele próprio reconhecia como um trabalho de mulheres. Foi uma forma de interpretar esse fenômeno, que teve consequências drásticas para essa família, mas que neste trabalho tentamos explicar de forma mais complexa, em que o cuidado não se limita somente ao patriarcado, ou a presença de remuneração ou não, senão que ao racismo e à colonização, tanto a origem ser entendida e explicada de forma mais profunda, assim como entender as fronteiras do cuidado com as percepções e cosmologias distintas.

O ponto principal dessa subseção passa pela análise trazida por uma entrevistada, assim como outras também trouxeram essa problemática do **poder de escolha**, que sintetiza muito bem como funciona a interiorização e a naturalização da responsabilidade do cuidado das mulheres ou pessoas que foram socializadas como mulheres. Quando questionada sobre a sua percepção em relação aos homens cis na questão do cuidado durante a pandemia a resposta foi:

Os homens da minha família, eu acho que no início até foi uma tentativa sim, de tentar levar as coisas adiante, mas no fim eles têm, parece que eles têm o direito de escolha de fazer ou não a tarefa doméstica, sabe? E a gente não tem. A gente parece que se a gente não fizer, ninguém vai fazer. E não, ninguém vai realmente, mas é isso. Tipo, meu pai pode escolher não lidar com a mãe dele doente e as mulheres tiveram que dar conta disso, tipo a minha mãe. Por mais que não fosse a mãe dela, ela jamais pensou em abandonar os cuidados da minha avó, por exemplo. O meu pai fez essa escolha desde o início, o máximo que ele fazia era dormir uma noite do lado dela, mas assim, se tivesse que trocar fralda, ele ia lá e chamava a gente, sabe? Era escolha, né? Porque eles têm uma escolha assim de fazer ou não (Entrevistada H).

A pesquisa *Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia* (2020) revela que metade das mulheres brasileiras passou a cuidar de alguém na pandemia, e 80,6% das pessoas cuidadas são familiares.

Juntamente com esse poder de escolha do pai, que é um homem cis que sempre fez o trabalho doméstico dentro de casa, porque a mãe trabalhava durante o dia, assim que ele ocupou esse lugar, a entrevistada traz também como com o irmão mais novo dela essa relação de obrigação com o cuidado se deu de forma totalmente diferente:

No fim, meu pai criou os próprios monstros assim, não é? Porque até hoje a gente vai lá e fica 'vai Henrique'¹³, lava a louça.' 'Eu não vou lavar louça, eu sou visita!' E aí a gente meio que bota banca nele assim. Mas sempre houve uma diferença, por mais que eu tivesse aprendido os trabalhos com meu pai, sempre houve diferença de gênero e sempre foi para mim como uma coisa natural. Até eu ter uns 15, 16 e questionar assim tipo: 'poxa, como tu não aprende as coisas e eu com a idade dele já lavando louça, estendendo roupa', sabe? Foi quando eu fiz a comparação assim (Entrevistada H).

Essa distinção na criação dos filhos por gênero é muito marcante, porque durante a entrevista passa a sensação de que ele não gostaria que o filho homem sofresse com a sobrecarga do cuidado e do trabalho doméstico, porque sabia que no fundo existia esse poder de escolha, sabia que no fim, como a entrevistada mesmo disse que no fim se ela não fizer ninguém vai fazer. No entanto, ele não poupou de ensinar e responsabilizar as filhas mulheres com o trabalho doméstico e de cuidado.

Toda essa questão da naturalização da responsabilidade do cuidado como das mulheres e pessoas de gêneros marginalizados aparece de maneira a reforçar essa perspectiva, quando perguntada sobre como ela se sentiu após o período da pandemia em relação ao trabalho doméstico e de cuidado, se se intensificaram ou permaneceram iguais, já que ela se viu muito afetada tanto nos estudos, principalmente, assim como mentalmente. Levando em conta que essa transição se deu de maneira linear para ela, por ainda passar mais tempo em casa, mesmo após o isolamento, um sintoma que também surgiu em outras pessoas, essa dificuldade de voltar ao presencial e de circular em outros espaços. Dessa maneira, ela buscou driblar isso de maneira a ocupar mais os espaços da universidade para estudar e trabalhar como bolsista. Também foi questionado sobre como as pessoas que moram com ela, ou a sua família se sentiram em relação ao cuidado durante e depois a

¹³ Mudança do nome para preservar a identidade.

pandemia, se também se sentiram afetadas assim como ela, a resposta dada foi a seguinte:

Eu acho que as mulheres sim, e não, e eu acho que para os homens da minha família não acredito que tenha mudado muita coisa. Inclusive comigo aquelas é porque eles nunca tiveram essa necessidade de, de fazer as coisas, sabe? Pelo menos inculcido ali na criação, porque eu também não vi essa necessidade, eu acho que até como feminista no início da pandemia ficava tipo negando essas coisas 'ai, não precisa fazer agora, não é? É só uma tarefa doméstica e tal.' Só que aquilo foi virando parte de mim assim e agora eu não consigo lidar mais sem ter que fazer, né? Mas acho que para eles sem dúvida sempre foi uma escolha aquilo, sabe? Tipo, é, tu estava lavando porque tu quer, tu está fazendo agora porque tu quer, mas na verdade não, sabe? Tipo como se se eu não fizesse, ninguém mais vai fazer é esse sentimento assim, né? Em relação a casa e tudo mais (Entrevistada H).

A partir desse relato, podemos buscar explicações para essa interiorização da responsabilidade do cuidado, o cuidado por necessidade e não por escolha, o cuidado como obrigação. Ou seja, por que durante a pandemia esse foi um “sintoma” que surgiu nela e a afetou, assim como em várias mulheres, pessoas não-binárias e homens? Poderia ter surgido outra problemática nesse período caótico que adoeceu muitas pessoas mentalmente, então por que essas pessoas não se preocuparam com outras coisas? Não que não tenham, mas de um modo geral é justamente essa pré-interiorização dada na socialização que “despertou” de maneira extrema durante uma situação única que foi estar dentro de casa 24h por dia por meses, num ideal de como foi o isolamento social. Por que algumas pessoas sentiram e outras não? Porque aí entramos na questão de quem cuida e de quem é cuidado e na construção social e moral do ser na nossa sociedade.

Somando a isso, outro relato de uma entrevistada, que conviveu com um ex-companheiro e sua sogra durante o período de isolamento social, demonstra outra dimensão do cuidado e de sobrecarga da mulher muito presente e invisibilizada, o de fazer o trabalho doméstico para evitar tensionamentos, o que se torna uma forma de cuidado. Numa fala ela mostra o exemplo prático disso: “Então eu ia lá e fazia as coisas justamente para evitar conflitos” (Entrevistada J). Se referindo a que quando o ex-companheiro não fazia as tarefas básicas de cuidado e de responsabilidade dele, nem de si mesmo, muito menos da casa, e isso se tornava uma discussão e um conflito, principalmente uma cobrança da própria mãe dele, ela ia e acabava fazendo esse trabalho justamente para evitar tensão ou brigas. Dessa forma, ela acabou sobrecarregada, pelo trabalho de *home office* que exercia, pelo trabalho de cuidado e pela demanda do estudo acadêmico.

Outra face desse caso representa como as relações ‘conjugais’, de amor, românticas, essa relação com o cuidado e do trabalho que a mulher exerce é muito maior, a companheira vem ‘ocupar’ o papel delegado à mãe na vida deles. A esposa, namorada, ou companheira, assim como pessoas não-binárias, outros homens etc. vem ocupar o status que era delegado à mãe no cuidado. Depois de ‘avanços’ sociais, para alguns grupos de mulheres, os homens cis ainda continuam usufruindo do seu status e um dos principais pilares desse lugar é o de poder escolher não fazer o trabalho de cuidado.

E por mais que esse não fazer se dê de forma ‘pacífica’, quero dizer, que o homem não tenha atitudes violentas, não agrida fisicamente a companheira/e, ou a mate, o escolher não fazer tensiona as relações e é uma forma de dominação social. Igualmente, a violência é comum no Brasil em que, em média, 3 mulheres são vítimas de feminicídio por dia, 65,6% foram mortas nas suas residências, e 81,7% dos feminicídios foram cometidos companheiros ou ex-companheiros, em 2021 (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022). Sendo também o país que mais mata pessoas transgênero no mundo, com 131 mortes em 2022 (Benevides, 2022). Em todos os casos, a maioria das vítimas são pessoas negras.

Mas como a entrevistada J exemplificou, houve diversas vezes essa conversa de ‘você tem que fazer a sua parte na casa’, e um suposto entendimento disso. Não obstante, nunca são iguais o trabalho mental, o trabalho físico e a responsabilidade desse trabalho, assim como continuidade/permanência por parte de homens cis, em grande parte brancos, principalmente na pandemia em que no caso dos homens acadêmicos das Ciências Sociais:

Os dados do Gráfico 11 mostram que cientistas sociais gastam, em geral, até quatro horas diárias com tarefas domésticas. Homens gastam, em sua maioria, até duas horas, ao passo que as mulheres, brancas e não brancas, informam gastar entre três e quatro horas. Isso indica que as mulheres respondentes gastam, em média, o dobro das horas de trabalho doméstico do que os homens – dado que acompanha os achados das pesquisas de uso do tempo realizadas no país. Segundo o IBGE (2018) mulheres dedicam pouco mais do que o dobro de horas semanais ao trabalho doméstico (21,3 horas) do que homens (10,9 horas). Chama a atenção o fato de que quase 20% das mulheres não brancas declararam gastar entre cinco e seis horas por dia com tarefas domésticas, o que com certeza impacta o tempo dedicado ao trabalho acadêmico. Entre mulheres brancas, não brancas e homens não brancos, 56,5% relataram gastar entre três e seis horas diárias com trabalho doméstico. Essa média cai bastante quando se consideram apenas os homens brancos: 41,3% dizem gastar entre três e seis horas em trabalho doméstico, e a maioria deles (55,3%) se concentra na opção “até duas horas” de trabalho doméstico diário. O padrão não se altera quando observamos o tempo gasto em tarefas de cuidado (Gráfico 12). Homens brancos são aqueles que mais informam não dedicar tempo a isso, e mulheres não

brancas as que menos concordaram com essa afirmação. Cerca de 40% dos entrevistados afirmaram dedicar até duas horas por dia às tarefas de cuidado, sendo que mulheres não brancas dedicam em média tempo maior. Outros 20% afirmam dedicar entre três e quatro horas a esse tipo de tarefa. Se observarmos a distribuição por gênero e raça das horas dispendidas nas tarefas de cuidado, homens brancos e mulheres não brancas estão em posições mais afastadas da média geral – e opostas, o que é mais significativo. Na média geral, 26,2% dos(as) respondentes não dedicam tempo a tarefas de cuidado; mas essa resposta foi de 35,2% entre homens brancos e 15,9% entre mulheres não brancas. Entre aquelas pessoas que dedicam de cinco a seis horas diárias a essas atividades, a média entre mulheres brancas, não brancas e homens não brancos é de 7,2%, mas somente 3,8% entre os homens brancos (Candido *et al.*, p. 51-52, 2021).

. Essa dedicação em menor intensidade, o não-fazer, o silêncio, não ter proatividade também é violento, sobrecarrega e adocece mulheres e pessoas de gêneros marginalizados. E a pessoa que cuida continua fazendo esse cuidado tanto afetivo como material, ao não tensionar esse problema, gerando mais um cuidado mental e invisível possível, o da neutralização de tensão do trabalho de cuidado feito pelas mulheres e pessoas de gêneros marginalizados pela cisgeneridade e patriarcado.

A entrevistada F soma mais uma variável nesses exemplos de divisão desigual do cuidado, a questão da maternidade. Durante o isolamento social, a sua vizinha dialogava com ela sobre a situação dentro de casa. A vizinha e o marido ambos faziam *home office* e tem um bebê que tinha mais ou menos 2 ou 3 anos na época da pandemia. O fato é que os dois trabalhavam na mesma instituição/empresa, porém em casa o ambiente de trabalho foi dividido da seguinte maneira: ele trabalhava no quarto e ela na sala de estar da casa.

Mas estava implícito que os dois estavam em casa, então os dois tinham que cuidar da criança, mas ele fechava a porta do quarto, e aí a criança ficava infernizando a vida dela lá na sala, e aí ela nunca conseguia trabalhar. E aí a chefe aí, tipo aí, era muito engraçado, porque quando eu saí assim para passear, tipo a janela dela dá para uma parte da rua, então ela me vê passar. Então, toda vez que ela vê assim que eu estava passando para voltar para casa, ela abria a porta de casa para conversar comigo para, não é? Se acalmar um pouco. Mas tipo, o cuidado 'era igual', mas não era porque ele fechava a porta e deixava ela lá com a criança. Então ela sempre levava uma reprimenda da chefe dela, tipo que ela estava com a criança que a criança estava chorando ou alguma coisa do tipo, então, tipo, 'estamos cuidando, mas o meu trabalho, eu vou fechar a porta e fugir da criança.' Então, tipo assim, tinha uma diferença ali de cuidado (Entrevistada F).

Outra vez aparece a noção de poder de escolha de homens cis na questão do cuidado, que se deu literalmente nesse caso, quando o pai fechava a porta do quarto para não lidar com o cuidado do próprio filho. Assim como a cobrança da chefe por produção no trabalho remunerado da mãe enquanto tem que cuidar do filho e que

esse trabalho de cuidar estava atrapalhando a performance dela. O que talvez não tenha acontecido da mesma forma com o pai, pois é provável que se tivesse cuidado do filho da mesma maneira que a mãe durante o home-office teria sido visto com outras lentes morais o cuidar.

Para encerrar esta seção, é interessante analisar a percepção do entrevistado E, que se identifica como homem cis, que marcou bem essa dicotomia com os outros relatos durante as entrevistas. Como já comentado, ele passou a exercer o trabalho doméstico no período da pandemia, mesmo a mãe sendo a maior responsável, foi dividido entre os dois esses cuidados. O entrevistado em questão, quando questionado se esse trabalho doméstico afetou seus estudos indagou que “até que foi mais fácil porque já estava em casa direto mesmo” (Entrevistado E). Ao contrário de outras entrevistadas, ele tem a sensação de que o trabalho doméstico foi até facilitado por já estar em casa. Na verdade, o que mais lhe afetou durante a pandemia foi o trabalho remunerado que exerceu na modalidade *home office*, o que afetou sua saúde mental.

Acredito que a maioria das pessoas entrevistadas, a percepção de como foi o trabalho doméstico e de cuidado para homens cis durante esse período, a noção é de que essa dedicação permaneceu a mesma, ou seja, faziam o mesmo que antes da pandemia, talvez tenham notado que suas companheiras ou mulheres trabalham muito no ambiente doméstico e de cuidado de tudo e todos, da reprodução da vida, porém não mudaram significativamente suas ações. Os homens que não faziam continuaram não fazendo, os que faziam continuaram fazendo e os que começaram a fazer ainda não se tornaram os principais responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado na casa. Se se deram ‘conta’, quando a principal responsável pelo cuidado estava presente, se abstinham dessa responsabilidade principal.

A moral que recai sobre as pessoas que relataram nas entrevistas e do poder de escolha se assimila com o conceito de irresponsabilidade privilegiada de Joan Tronto (1987), em que se conecta intimamente com os relatos das estudantes entrevistadas, de que algumas pessoas, principalmente homens cis brancos tinham o poder de escolha, o privilégio de serem irresponsáveis com o cuidado e a sustentação da vida, também no período da pandemia em que o trabalho doméstico e o cuidado se mostrou muito mais exaustivo e demandante. Tronto (1987) parte da ética do cuidado, uma teoria na qual denuncia a invisibilidade do trabalho de cuidado e na demanda que recai sobre as mulheres a partir dessa divisão de gênero, assim como também analisa esses privilégios da irresponsabilidade para com o cuidado, uma

atividade importante que sustenta as sociedades e a vida, pela ótica da moral e da ética. Tanto no caso do pai da entrevistada H, em que ele decidiu não cuidar da mãe enferma, assim como de não transmitir a responsabilização do cuidado e do trabalho doméstico para o filho homem, como o transmitiu para as filhas mulheres, e do caso do parente da entrevistada G, em que preferia fazer bicos na rua e não estar em casa durante a pandemia para não ter que fazer o trabalho doméstico, todos esses poderes de escolha refletem no privilégio de irresponsabilidade que Tronto (1987) teoriza, as quais são reflexões feitas pelas estudantes entrevistadas de igual forma, o que se entende como essas problemáticas aparecem em alta escala quando se trata quem exerce o cuidado e o trabalho doméstico.

Assim, o poder de escolha de cuidar ou não aparece muito relacionado ao gênero e ao poder simbólico e *status* que os homens cis, principalmente os brancos, exercem. A necessidade de fazer porque *ninguém vai fazer* de uma entrevistada resume muito bem o sentimento das mulheres e pessoas não-binárias que estão nesse lugar de cuidar e que não tem a opção de escolha: são designadas a cuidar pela família nuclear, que insistem em determinar os papéis sociais em uma dualidade de gênero que se relaciona por dominação, uma herança da colonização ibérica, como visto em Lugones, Quijano e Cusicanqui.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, não se pretendeu neste trabalho trazer uma noção verdadeira do que é o cuidado ou o trabalho doméstico, senão dialogar entre as percepções e reflexões das e dos entrevistados, assim como com as teorias já produzidas e a bibliografia de referência.

Em relação aos resultados da pesquisa, a associação do cuidado como afeto foi uma questão que surgiu seguidamente no relato des entrevistades. Assim como a noção de poder de escolha de homens cis em relação ao cuidado e ao trabalho doméstico, o que para os demais gêneros durante a pandemia, principalmente, o estar em casa é associado à necessidade de arrumar as coisas ou de que sempre há alguma coisa por fazer.

De forma geral, foi a questão das concomitâncias entre: isolamento social; trabalho remunerado; cuidado; trabalho doméstico; estudos e saúde mental que marcaram as percepções das e dos estudantes. Todos esses elementos e variáveis apareceram durante as entrevistas, e se nota que o trabalho remunerado, o *home office*, assim como a questão da saúde mental foi o que mais afetou as pessoas durante a pandemia. O que difere em parte da hipótese inicial de que o cuidado afetou os estudos das alunas e alunes durante a pandemia, visto que em parte sim houve uma precariedade no sentido dos estudos, porém não causados somente ou pelo cuidado, senão que o trabalho remunerado e a saúde mental em face do isolamento social atingiram de forma significativa a vida e as atividades das e dos estudantes de Ciências Sociais da UFRGS.

No sentido de contribuição ao tema, este trabalho somou conhecimentos acerca do que é o cuidado, das relações sociais do cuidado e das características sobre gênero e raça das pessoas que possuem uma demanda maior dessa atividade. O que se pode concluir é que quanto mais alta a classe, maior a perspectiva de 'ser cuidado', juntamente com ser uma pessoa branca. Assim como a questão do pertencimento ou não de famílias nucleares, socialização como mulher, raça e gêneros marginalizados marcam as variáveis dessa problemática. Das três pessoas não-binárias entrevistadas, duas estão inseridas em um núcleo familiar. Uma está inserida em uma família de pessoas negras, que vê o cuidado como complementar entre todos, não como obrigações, senão que cada um e uma possui um rol definido e respeitado os limites. No entanto, essa pessoa possui uma relação problemática com o cuidado e sente sobrecarregada com essa questão e afetada diretamente no período

pandêmico. Outra pessoa não-binária está inserida em uma família branca de classe média/alta que não possui demandas com o cuidado, já vive sozinha e, na sua análise, notamos que está no lugar de quem é cuidada. Assim como a maioria das pessoas brancas entrevistadas. O terceiro não-binário, branco, não está inserido em uma família nuclear e possuiu relações de amizades e afetivas durante a pandemia, as quais foram bem problemáticas para ele, em que teve uma sobrecarga do trabalho doméstico, especificamente. Dessa forma, a maioria das pessoas que se sentiram afetadas pelo cuidado foram pessoas que estiveram em um núcleo familiar durante a pandemia, ou por um tempo dela, ou que pelo menos conviveram com uma relação amorosa, que também tinha essa problemática de compartilhamento desigual do cuidado.

As mulheres brancas entrevistadas, que eram majoritariamente filhas e netas, não possuíam a sobrecarga do trabalho doméstico. Isso se diferiu de algumas entrevistadas negras e pardas, assim como não-binários, que tinham uma reponsabilidade maior no cuidado com os demais integrantes da família ou das suas relações. Ficou evidente que a posição da pessoa entrevistada na família, principalmente das mulheres cis brancas, varia sim muito em relação ao tempo dedicado ao cuidado e ao trabalho doméstico, visto que as chefes de família, mães ou avós, eram as maiores responsabilizadas por esse trabalho. É interessante recapitular que mesmo sem a presença de homens cis na família, mantém-se uma hierarquia de quem é mais responsabilizada pelo cuidado nas famílias brancas.

Dessa forma, analisar as relações de cuidado e de trabalho doméstico e gênero no Brasil e América Latina deve considerar as diversas opressões e marcadores que atravessam a todas, todes e todos porque não há como explicar um fenômeno sociológico sem interseccionalizar uma população que foi colonizada. As discussões aqui apresentadas marcam uma questão do cuidado e do trabalho doméstico em específico, a questão do público e privado, no qual o privado recai majoritariamente sobre o gênero feminino e de pessoas racializadas. Tanto Biroli como Sorj e Quiroga acreditam que a questão do cuidado deve-se estender ao campo público, para as instituições públicas ou privadas, mas fora dos cuidados da família nuclear, nesse caso das mulheres, para diminuir a sobrecarga feminina. Frederici planteia que o cuidado e o trabalho doméstico devem ser vistos como um trabalho, e só não o são pela manipulação da *psiquê* e da naturalização, que seja um dever das mulheres. Para esse grupo de autoras o cuidado parece ser um sinônimo de trabalho doméstico, no

sentido que entra na lógica de acumulação capitalista de mercantilizar o cuidado somente como trabalho. O segundo grupo de autoras elencado possui uma leitura mais abrangente do cuidado, como Cusicanqui, Lugones, Castilla, Kunin, Esmoris e Hirata trazem ao debate do cuidado noções muito mais abrangentes e fora desse binarismo, ou somente da perspectiva do gênero, a partir de diferentes epistemologias o cuidado se estende ao ambiente, a natureza e a comunidade. Assim como também de complementariedade.

Podemos concluir que parte das autoras aqui citadas, que enfocam na questão do público, do privado e do patriarcado explicam em parte a problematização do cuidado. A explicação do feminismo ocidental sobre cuidado é incompleta porque não permite ver a dimensão colaborativa do cuidado, como trouxeram as estudantes entrevistadas/es. Porém, Lugones e Cusicanqui, por exemplo, exploram estas questões além da dominação patriarcal: o problema das dominações e opressões de gênero, raça e classe estão intrínsecos à colonização e às formas de viver impostas aos povos. Dessa forma, o cuidado e o trabalho doméstico no Brasil e na América Latina está muito relacionado à forma como fomos colonizadas e colonizados, no qual o cuidado é uma importante base de dominação de raça e gênero que até o momento marca as desigualdades e opressões.

REFERÊNCIAS

- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, ano 16, 2022. **Feminicídios caem, mas outras formas de violência contra meninas e mulheres crescem em 2021**. 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/> Acesso em: 7 set. 2023.
- AZEVEDO COUTINHO, B.; ROCHA TENCA, L.; SOARES MOMBELLI, C. Os efeitos da pandemia de COVID- 19 sobre o trabalho das professoras pesquisadoras de Relações Internacionais. **Conjuntura Austral**, [S. l.], v. 12, n. 59, p. 73–88, 2021. DOI: 10.22456/2178-8839.113846. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/113846> Acesso em: 30 jul. 2022.
- BATTHYÁNY, Karina (cord.). **Miradas latinoamericanas a los cuidados**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México DF: Siglo XXI, 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/miradas-latinoamericanas-a-los-cuidados/> Acesso em: 27 jul. 2023.
- BENEVIDES, Bruna (Org). **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf> Acesso em: 6 set. 2023.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4698252> Acesso em: 25 set. 2023.
- BIROLI, Flávia. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. v. 00, n. 18, p. 81-117, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151804> Acesso em: 2 ago. 2022.
- CANDIDO, M. R. *et al.*, As Ciências Sociais na pandemia da covid-19: rotinas de trabalho e desigualdades. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. spe, p. 31–65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11esp2> Acesso em: 3 set. 2023.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTILLA, María Victoria; KUNIN, Johanna; BLANCO ESMORIS, María Florencia. Pandemia y nuevas agendas de cuidado. **Documentos de Investigación**, Universidad Nacional de San Martín, Instituto de Altos Estudios Sociales, n. 8, p. 1-13, nov. 2020. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/128422> Acesso em: 30 ago. 2022.
- CASTRO, Bárbara; RONCATO, Mariana. Entrevista com Helena Hirata. **Idéias – Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum.** UNICAMP, v. 7, n. 1, p. 295-318, jan/jul. 2016. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/322333925> Entrevista com Helena Hirata
Acesso em: 29 jul. 2022.

CUSICANQUI, Silvia Rivera (2010), **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**, Ed. Tinta Limon: Buenos Aires, 80 p., 2010. ISBN 978-987-25185-4-7. Disponível em:
<https://sentipensaresfem.wordpress.com/2016/09/10/src2010/> Acesso em: 15 mar. 2023.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; MORENO, Renata. Trabajo, comida y solidaridad: miradas sobre la pandemia em Brasil desde las mujeres em movimiento, p. 35-55. *In*: BENGUA, Cristina Carrasco; DÍAZ, Natalia Quiroga (Comp.). **Reexistiendo em Abya Yala: desafíos de la economía feminista en tiempo de pandemias**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madreselva, 2020.

FIGUEIREDO, Iasmin da Costa. **Gênero e trabalho: uma análise dos impactos da pandemia da Covid-19 na vida profissional de homens e mulheres**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223076> Acesso em: 15 ago. 2022.

FIORESE, Laura Costa. **Percepções sobre o trabalho doméstico não remunerado e a carreira da mulher, durante a pandemia de covid-19 em Porto Alegre**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração de Empresas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/237839> Acesso em: 13 ago. 2022.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2>
Acesso em: 7 set. 2023.

FREDERICI, Silvia. **Revolución en punto cero: Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas**. Madrid: Traficante de Sueños, 2013.

GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA (SOF). **Pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. 2020. Disponível em: <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/> Acesso em: 28 ago. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Lingüísticos e Políticos da Exploração da Mulher**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – BR Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados [online]**. 2020, v. 34, n. 98, pp. 7-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.002> Acesso em: 2 ago. 2023.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social [online]**, v. 26, n. 1, pp. 61-73, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005> Acesso em: 1 ago. 2022.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. São Paulo: **Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/mod/resource/view.php?id=175032&redirect=1> Acesso em: 20 set. 2023.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 1 ago. 2022.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Paradigmas sociológicos e categoria de gênero: Que renovação aporta a epistemologia do trabalho? **Novos Cadernos**, v. 11, n. 1, p. 39-50, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/262/408> Acesso em: 2 ago. 2022.

IBGE. Outras formas de trabalho, 2018. **Pesquisa Nacional por amostras de domicílios contínua**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101650> Acesso em: 7 set. 2023.

KOVALCZUK, Amanda. A SOCIOLOGIA DE SILVIA RIVERA CUSICANQUI: aproximações ch'ixi sobre o cuidado. **Revista Contraponto**, v. 8, n. 3, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/117665> Acesso em: 17 ago. 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y género. 2008. *In*: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. **Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, p. 57-75, 2014. Disponível em: [https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/\\$FILE/Tejiendo.pdf](https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/$FILE/Tejiendo.pdf) Acesso em: 20 ago. 2023.

MARTINS, Beatriz Jorge de Melo. **Trabalho da mulher em tempos de pandemia da covid – 19**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB), São Luís, 2021. Disponível em: [Repositório Institucional do Centro Universitário UNDB: Trabalho da mulher em tempos de pandemia da covid – 19](#) Acesso em: 3 ago. 2022.

MEIRELLES, Lorena; VIDIGAL, Lia. Trabalho doméstico não remunerado e a crise do cuidado: uma visão feminista sobre os efeitos da COVID-19. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 7, p. 58-74, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3BlbF5Q> Acesso em: 25 ago. 2022.

MONTICELLI, Thays. Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções? **Sociedade e Estado**, v. 36, n. 1, p.38-107, jan. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/phBY7c5NGY3vFjBmDNnnKNJ/?lang=pt> Acesso em: 6 jul. 2022.

OYEWÙMI, Oyéronké. **A Invenção das Mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2022/05/Oyewumi_Oyeronke_A_Invencao_das_Mulheres.pdf Acesso em: 1 set. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf> Acesso em: 24 ago. 2023.

QUIROGA, Natalia Díaz. Economía del cuidado. Reflexiones para un feminismo decolonial. *In*: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. **Tejiendo de otro modo**: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, p. 161-177, 2014. Disponível em: [https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/\\$FILE/Tejiendo.pdf](https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/$FILE/Tejiendo.pdf) Acesso em: 13 set. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **A Mulher na sociedade de classes**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

SEGATO, Rita Laura. Colonialidad y patriarcado moderno: expansión del frente estatal, modernización, y la vida de las mujeres. *In*: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. **Tejiendo de otro modo**: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, p. 75-91, 2014. Disponível em: [https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/\\$FILE/Tejiendo.pdf](https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/$FILE/Tejiendo.pdf) Acesso em: 6 set. 2022.

SORJ, Bila. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. **Cadernos de Pesquisa [online]**. v. 43, n. 149 p. 478-491, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000200006> Acesso em: 23 jul. 2022.

TRONTO, Joan C. **Más allá de la diferencia de género. Hacia una teoría del cuidado**. UNSAM. *In*: Signs: Journal of Women in Culture and Society, vol. 12, University of Chicago, 1987. Disponível em: [http://www.unsam.edu.ar/escuelas/humanidades/centros/cedehu/material/\(13\)%20Exto%20Joan%20Tronto.pdf](http://www.unsam.edu.ar/escuelas/humanidades/centros/cedehu/material/(13)%20Exto%20Joan%20Tronto.pdf) Acesso em: 1 out. 2023.

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO

Questionário autopreenchimento:

1. Qual o seu vínculo atual com a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)?

2. Qual a sua idade?

3. Como você se autodeclara em relação à raça?

4. Como você se autodeclara em relação ao gênero?

5. Você mora sozinho/a/o? Se não, com quem?

Perguntas entrevista:

1. Bom, essa entrevista foca na questão do cuidado, que é um conceito que já possui uma bibliografia e uma discussão na Sociologia, e eu gostaria de saber, para você o que é cuidado?
2. Agora fale um pouco sobre você, se, além de cursar Ciências Sociais, você trabalha também em outro lugar?
3. Como foi, durante a pandemia, a sua relação com o trabalho remunerado? Se manteve igual, teve prejuízo ou melhorou? Você fez home-office?
4. Durante o período de isolamento social, a sustentação da sua casa esteve em risco? Por exemplo, teve alguma dificuldade ao acesso de alimentos, dificuldade de pagar as contas, entre outros?

5. Durante a pandemia, como foi a dinâmica da sua família, ou das pessoas que dividem a moradia com você, com relação ao cuidado com a casa, com a alimentação, com as pessoas e animais?
6. Durante esse período, como você percebeu a divisão e a responsabilidade do trabalho doméstico e do cuidado entre as pessoas com que você mora ou morava? Essa responsabilidade era compartilhada?
7. Você percebeu alguma diferença em relação a pessoas que se identificam como homens cis quanto ao papel do cuidado nesse período da pandemia?
8. Durante o período de isolamento social, você acredita que a responsabilidade com o trabalho doméstico e de cuidado afetaram os seus estudos?
9. Você acha que teve diferença no período da pandemia e depois da pandemia? Por exemplo, se aumentou ou diminuiu o tempo e a intensidade do cuidado e do trabalho doméstico para você e as pessoas com as quais você convive na sua casa? Como você avalia isso hoje?
10. Como foi dada essa divisão do trabalho doméstico e do cuidado na sua família, ou na sua casa? Vocês se sentaram na mesa para conversar ou foi algo "naturalmente" delegado?
11. Quer comentar algo mais sobre o tema?

